

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS ARTES



**A INVAGINAÇÃO DA METÁFORA NO
AUTORRETRATO**
(Uma representação da criação do ser)

Cheila Raquel Estanqueiro Peças

Dissertação
Mestrado em Pintura

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Carlos Vidal

2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu Cheila Raquel Estanqueiro Peças, declaro que a presente dissertação de mestrado intitulada “A invaginação da Metáfora no Autorretrato (Uma representação da criação do ser)”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato



Lisboa, 31 de Outubro de 2018

Resumo

Procura-se uma subjetividade intrínseca focada no autorretrato, refletindo uma essência artística baseada em questões psicológicas onde o autoconhecimento tem primazia na criação.

Pretende-se enaltecer o maravilhoso, ao mesmo tempo que tornar as metáforas reais, ou seja, misturar realidades e construir novas, passando pelos conceitos de divinização ou destruição daquilo que não é familiar ou pela destruição de ideias pré-concebidas como instrumentos da própria criação, descobrindo assim o próprio ser. Um ser que se demonstra no eu e no outro, podendo o outro ser eu, revelando-se uma dúvida que surge entre a realidade e a sombra, questionando que ser sou eu, não sabendo onde me insiro.

Encontra-se a dualidade entre o real, podendo este estar dirigido ao ser pessoal, e o fantástico, possivelmente debruçado sobre a criatividade, onde ambos se mostram no fazer artístico.

Faz-se uma análise da dimensão surreal do processo artístico pessoal, questionando a realidade das metáforas criadas.

Expõe-se o viver como criação, o viver na criação, o aprender com a criação, o ser a criação, o ser a metáfora...

Uma investigação sobre o interior do artista que se revela através de poemas e pinturas, expondo um automatismo que permite uma maior aproximação à realidade do próprio ser, questionando o que leva à criação, analisando a construção do próprio ser, abordando a forma como é encarado e aprendendo a lidar com o seu lado oculto.

Nesta dissertação faz-se uma análise da importância do ser do artista para a sua criação, questionando a sua realidade e a forma de a olhar, descobrindo-se no interior pessoal e na realidade da obra seres estranhos e familiares que expõem as exterioridades e opostos que lhes pertencem. Revelam-se também os temas que constituem a obra de arte pessoal e a maneira como esta é concebida.

Eu sou um ser que me constrói a partir de mim.

Palavras-chave: Autorretrato, Reconhecimento, Ser, Olhar, Inquietante

Abstract

An intrinsic subjectivity focused on self-portrait is sought, reflecting an artistic essence based on psychological questions where self-knowledge takes precedence on creation.

It is intended to elevate the marvellous, while making metaphors real, that is, to mix realities and construct new ones, going through the concepts of divinization or destruction of what is not familiar or the destruction of preconceived ideas as instruments of its own creation, discovering the being itself. One being that shows itself in the self and the other, being the other being me, being a revelation of a doubt that arises between reality and shadow, questioning which being is I, not knowing where I fit.

There is a duality between the real, which can be directed to the personal being, and the fantastic, possibly focused on the creativity, where both are shown on the artistic making.

An analysis is made of the surreal dimension of the personal artistic process, questioning the reality of created metaphors.

It is exposed living as a creation, living in creation, learning with creation, being the creation, being the metaphor...

An investigation into the interior of the artist that reveals itself through poems and paintings, exposing an automatism that allows a closer approximation to the reality of one's being, questioning what leads to creation, analyzing the construction of one's being, addressing the way it is viewed and learning to deal with their hidden side.

On this dissertation, an analysis is made of the importance of the being of the artist on his creation, questioning its reality and the way of looking at it, discovering on the personal interior and on the reality of the work the strange and familiar beings that expose the exteriorities and opposites that belong to them. The themes that constitute the personal work of art and the way in which it is conceived are also revealed.

I am a being who builds me through me.

Key-words: Self-portrait, Recognition, Being, Look, Uncanny

A todos os que anseiam pela aceitação do seu ser.

A suprema felicidade da vida é a convicção de ser amado por aquilo que você é, ou melhor, apesar daquilo que você é.

Vitor Hugo

Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem vocês, os que me criaram e me fazem ser o que sou e o que serei, o que aqui escrevo e demonstro.

Começo por agradecer ao Professor Doutor Carlos Vidal, o orientador desta dissertação, que esteve sempre presente, que acreditou na concretização do meu trabalho e partilhou o seu conhecimento para que o meu estudo ficasse mais rico. Obrigada pela honestidade e paz que transmitiu, tornando a constituição desta dissertação mais simples e incansavelmente emocionante.

Aos meus pais devo o meu agradecimento eterno por me conceberem e formarem tal como sou, pelas dualidades que tanto influenciaram a minha obra, pela preocupação, carinho e exigência. Deixando-me ser sempre o que sou, parte deles.

Um especial agradecimento aos meus outros eus, ao meu alter-ego, ao meu eu feminino e masculino, à mãe e à obra. Agradeço ainda ao um outro eu especial, companheiro exterior, que me veio mostrar que eu podia ser completa com tudo o que sou. A Mário Lima.

Às que sempre me ajudam a organizar as obras, a torná-las agradavelmente visíveis e dão os melhores conselhos. A Tânia Forreta e Débora Ramos.

À presença de críticas construtivas, sinceridade e verdade. A Nélia Santos.

A quem me pergunta com preocupação e saudade se já terminei a tese. A Cláudia Nunes.

Ao que pacientemente reviu as traduções efetuadas ao longo do estudo. A João Neves Carreira.

A quem eu tiro tempo para a concretização dos projetos. A todos os que têm paciência.

Quero agradecer a todos os docentes que me acompanharam até este momento, meus professores e colegas. Um especial agradecimento aos que vi nos seus olhos a crença. Pedro De Campos Rosado, Catarina Camara Pereira, António Delgado e Maria Antónia Belchior Barreto.

Aos colegas do mestrado com os quais evolui e a todos os colegas de turma que alguma vez tive.

A todos o que me fazem ser o que sou hoje e aos do futuro. A ti

Índice

Resumo.....	II
Abstract	III
Agradecimentos.....	V
Introdução	1
Parte 1. Impulso da Criação	4
O Meu Nome É Do Que Me Pinto	5
Capítulo 1. O Background do Artista.....	6
O Que Me Fez Ser Assim De Querer Criar	6
Capítulo 2. Constituição do Ser - Olhar Sobre O Real	10
Existo No Meu Mundo	10
Capítulo 3. (In)Visualidades: Questionando o Ocularcentrismo	25
Existo Se Me Quiseres Olhar.....	25
Capitulo 4. Das Unheimlich na Formação do Eu.....	29
Construo-me A Partir De Outra “Coisa”	29
Parte 2. Criar a Partir do Ser	38
Eu Sou Das Cores Que Eu Quiser... ..	39
Capítulo 1. Metáforas na Visão para o Interior Pessoal – Autorretrato, Androginia e Surrealismo.....	40
Cores, Formas, Seres, Opostos Que Me Revelam	40
Parte 3.O fruto do Ser.....	48
Sou Como Sou Na Minha Verdade De Me Ver... ..	49
Capitulo 1. A Obra	51
Sou um Renascimento por Invaginação	51
Conclusão	70
Bibliografia	72

Introdução

Nesta dissertação tão focada no ser e no fazer artístico, procura-se demonstrar o percurso de pensamento para execução da obra. Tenta-se descobrir uma identidade pessoal, analisando as realidades que a formam, focando o estudo maioritariamente sobre a presença de um outro, ou outros que me constituem, sejam eles pertencentes ao interior pessoal ou ao exterior, tendo este último uma separação corpórea ou sendo-me exterior por não o reconhecer mais como parte de mim.

Procura-se neste trabalho unir as realidades que me formam, transformando-as numa nova realidade que componha dessa forma o autorretrato interior com a familiaridade do aspeto de um corpo.

O objeto de estudo é o olhar, o autorretrato na pintura, que se manifesta metaforicamente onde a tela e as formas do corpo humano se tornam um só, enaltecendo assim formas estranhas.

Fala-se do autorretrato no surrealismo, estudando autores e artistas que se revelam nas suas obras de forma única e fantástica alterando realidades, indo além de uma realidade visível.

Ao longo do trabalho são feitas reflexões pessoais sobre as teorias apresentadas e a sua ligação com o projeto artístico pessoal.

Esta investigação está dividida em três partes, onde cada uma apresenta uma envolvimento entre conteúdos teóricos e uma estrutura criativa por mim proposta. Apresenta-se uma reflexão de cada tema, primeiramente de uma forma pessoal/criativa, através de “poemas” que se incidem e coincidem diretamente com a obra plástica, e só depois se elabora uma fundamentação teórica. Cada uma das abordagens dá a possibilidade de ser lida em separado devido à coerência que existe entre elas, sendo que a exposição escrita mais criativa revela a possibilidade de uma leitura imaginativa em que cada um pode retirar as suas próprias ilações sobre o pensamento do artista. Criando assim mais um emaranhado de novas realidades.

A primeira parte “Impulso da Criação” acompanhada pelo poema “O Meu Nome É Do Que Me Pinto...” é constituída por quatro capítulos. O primeiro capítulo “O Background do Artista”, acompanhado com o poema “O Que Me Faz Ser Assim De

Querer Criar” apresenta assuntos que levam a uma melhor compreensão do processo artístico individual, dando-se exemplos que podem influenciar na produção da obra de arte e alguns assuntos mais abordados pelos artistas nas suas obras. No segundo capítulo “Constituição do ser - Olhar Sobre O Real” com o poema “Existo No Meu Mundo”, apresentam-se reflexões sobre a constituição do ser através do olhar de outrem e da realidade da obra de arte, questionando a possibilidade do outro me constituir. No terceiro capítulo “(In)Visualidades: Questionando o Ocularcentrismo”, com o poema “Existo Se Me Quiseres Olhar” faz-se uma reflexão sobre o olhar como constituinte do ser, fazendo uma análise sobre a diferença entre ver e olhar, refletindo ainda sobre o olhar a arte. Este capítulo aborda um tema determinante para a minha criação e surge como forma de completar o conceito do ver a realidade. No quarto capítulo “Das Unheimlich na Formação do Eu”, com o poema “Construo-me A Partir De Outra “Coisa”” apresenta-se o conceito de inquietante, analisando as formas de reconhecimento próprio, descobrindo o inconsciente que me constitui.

A segunda parte “Criar a Partir do Ser”, com o poema “ Eu Sou Das Cores Que Eu Quiser...” constitui o capítulo “ Metáforas na Visão para o Interior Pessoal – Autorretrato, Androginia e Surrealismo” com o poema “Cores, Formas, Seres, Opostos Que Me Revelam” onde se aborda o assunto da androginia, que aparece na junção dos seres que constituem o meu ser, o fruto resultante da criação plástica, e do surrealismo pela aparência e forma de executar a obra.

A terceira e última parte “ O fruto do Ser”, com o poema “Sou Como Sou Na Minha Verdade De Me Ver...” no qual consiste o capítulo “ A Obra”, com o poema “Sou um Renascimento por Invaginação” onde se apresenta o trabalho plástico, uma exposição poética explicando o processo artístico da obra “Invagino-me Em Mim”, expondo desenhos e pinturas realizados em conjunto com poemas que as ilustram.

Apresenta-se neste estudo a conceção da identidade do artista que criou o seu próprio tempo, transmitindo as suas inquietações e aprendizagens diárias e cíclicas.

Tecem-se por fim as conclusões e apresenta-se a bibliografia.

Esta dissertação é composta por uma exposição de reflexões teóricas de temas que estão intimamente ligados à obra pessoal e ao reconhecimento intrínseco do meu ser. Esta apresenta também uma variedade de reflexões pessoais ao longo da exposição dos fundamentos teóricos, bem como é ilustrada com a presença de poemas que aproximam o estudo à atividade pessoal íntima e de todo o processo artístico. A reflexão une a abstração e a subjetividade que me pertence a um estudo de exposição de

teorias através da escrita poética, que expõe os pensamentos de forma espontânea, expondo os pensamentos do momento inconscientemente.

O método utilizado neste estudo tem o propósito de aos poucos se ir metamorfoseando consoante os temas desenvolvidos, iniciando-se com a exposição de teorias fundamentadas, apresentando no decorrer uma solução poética que se aproxima do íntimo do artista, tornando-se no decorrer do estudo mais persistente, chegando à exposição da obra no final onde predomina a escrita poética. Desta forma cumprem-se as normas exigidas, ousando-me a dar um pouco da minha subjetividade à forma de apresentar os conteúdos.

A poesia aqui tão presente consegue aproximar-se mais do que qualquer outra forma de expressão, dos fatores emocionais e psicológicos que impulsionam todo o trabalho. Composta através de narrativas e descrições poéticas através da palavra, trabalhando-a em conjunto com as pinturas que demonstram gestos que revelam as emoções, exibindo assim concomitantemente uma memória frásica e visual, dando com os poemas a possibilidade de olhar a imaginação e com as pinturas a possibilidade de olhar um gesto.

Este método apresentado exhibe o inconsciente pois os poemas apresentados são elaborados como um texto corrido, não sendo efetuadas quaisquer alterações no final, deixando-o tal como surgiu, tornando-se assim mais puro e íntimo, pela sua característica espontânea de surgimento.

Pretende-se que esta dissertação seja uma extensão da obra plástica, onde ambas se completam, necessitando uma da outra, influenciando-se. Os poemas tornam-na mais pessoal, conseguindo demonstrar a relação íntima com os assuntos abordados.

Parte 1. Impulso da Criação

O Meu Nome É Do Que Me Pinto ...

Pinto partes de mim, envolvo-as com a
tua exigência em mim, sou parte de ti.
Assombras-me com lágrimas reboladas
do passado, que voltam a cair por sentir
falta da alegria que se fazia surgir.

Agora cansada de transbordadas
memórias que fecham as portas a novas
insistências.

Já não cheiro o rosa, o amarelo, o verde
e o azul da casa pequenina que
imaginava num quadro banhado de
verniz nas flores e folhas costuradas à
mão. Falta-me a imaginação ... de
quando havia uma dúvida sobre a
brincadeira que me saciava num
momento.

Emaranhada de rosas cortantes, laranjas
azuis, água salobra e cheiro a mar
incapaz de dissolver o azul do sol.
Cortar os pulsos moles corretamente,
tecer uma teia de leite vermelho e
consumir-te mesmo sem querer. Fazes
parte de mim.

Sugo-te o conhecimento raivoso,
impaciente. Questiono-me quem sou.
Que parte de mim sou? Quando eu sou?
Quando tu és?

Vagueando entre raízes duras que me
sugam a inocência, agradeço as palavras
que lhes saem entornadas.

Sou uma tela como todas as outras, o ar
continua a derreter os passos que dou e
faz-me inspirá-los para dentro do meu
ser.

Escuto os pelos arrepiados pelos sons
que já não podem ouvir da mesma
forma que antes. Tomo a decisão e uso-
os como pincel, são agora o meu
instrumento invisível.

Marco-me com manchas e relevos onde
cada obra nunca atinge o seu fim,
contornando cada espaço, o meu e o teu.
Se deixar de aparecer será a sua morte, a
minha morte, pois há muito que somos a
mesma carne. Unidas para que melhor
dormíssemos sobre o mesmo leito,
atenuando as fraquezas de ambas com
lógicas e fantasias. Somos um corpo
tinta, flexível e instável, balanceando,
degradando-se, afastando-se e fazendo
as pazes novamente, estando sempre
presente um reinício, um início
marcando um clímax.

Capítulo 1. O Background do Artista

O Que Me Fez Ser Assim De Querer Criar

Descobrir-me.

...

Através da criação e com ela. Unem-se aos poucos fazem-se um. Sou eu aqui e no desenho. Entre esboços e estudos de cor pouco refletidos. O que faz de mim constante criação que cresce e acentua personalidades da vida pessoal e material na inconsciência, ainda, daquilo que se pode ser. Reflexão, mudança e prazer que limita o medo. Estás em mim, entras com um pouco de ti e saís levando um pouco de mim. Construímo-nos de viagens entre ambos...

Como posso fazer um autorretrato sem o que sou? Sem ti?

Preciso de ti. Quero encontrar-me, perceber o que sou, o que tu és em mim.

Porque preciso de ti?

Defronto-me com a minha obra, questiono a necessidade da sua presença na minha identidade.

Porque és assim? És parte de mim, eu sou parte de ti? Porque a obra existe desta forma e não de outra?

“Uma obra de arte é boa quando nasceu por
necessidade.”
Rainer Rilke

“Eu sou parte de tudo o que toquei e de tudo o que me tocou.” Eugene Grant citado em Gardner, (1997:255)

Sobre o impulso de criação é importante falar do background do artista. Para Howard Gardner (1997), este está presente nas experiências vividas, nas personalidades conhecidas e no meio que se frequenta, demonstrando ser influente nas decisões para a criação da obra de arte e o seu sucesso. O autor refere que os indivíduos recebem uma grande influência daqueles com quem se cruzaram, como é o caso de Dickens, Balzac, Zola, Melville, Conrad, Twain, entre outros, que foram influenciados pelas várias pessoas que encontraram ao longo da sua vida. As personagens mais cativantes sejam eles indivíduos reais ou fictícios, personagens de livros ou filmes, podem desenvolver em cada um múltiplas identificações, adquirindo traços variados de muitas individualidades tornando-os seus, imitando, incorporando e comparando, abrilhantando assim a construção do mundo imaginário de cada um, afirmando que essas identificações podem levar a uma maior criatividade por parte de quem interage com essas personalidades. Para este os eventos traumáticos também podem ter efeitos relevantes, tais como uma sociedade rigorosa ou o medo da morte, podendo estes fatores impulsionar a uma maior produção artística interessante e complexa, como sucede na música e na literatura. Já na pintura os artistas são encontrados em lugares incertos, talvez devido a uma atividade motora mais ampla que não se baseia em imitações que outros fazem de representações. Alguns artistas são impulsionados por algo doloroso, uma desfiguração, desgosto ou dificuldade, trazendo novas motivações e materiais, sucumbindo esse mal com a criação de fantasias que se refletem nos seus trabalhos artísticos.

Gardner enaltece a aquisição de conhecimentos sobre a vida e experiência de novos sentimentos no trabalho do artista para que este seja significativo, sejam quais forem as suas circunstâncias familiares ou sociais, pois por mais sensível e talentoso que seja o artista não conseguirá transmitir os seus sentimentos se não se cultivar.

Refere que as tendências artísticas podem chegar aos artistas pela sua existência como seres humanos, além de que cada um pode agir mediante a sua cultura ou

premissas gerais, aprendendo ou não com trabalhos de outros artistas específicos. Signos e composições podem surgir simplesmente da mente humana, estando presentes em muitos objetos estéticos. Segundo Gardner, para Jung, dissidente da escola freudiana, psicólogos da Gestalt, entre outros observadores e estudiosos, consideram a onnipresença de diversos paradigmas em diferentes culturas e a existência de padrões universais na arte. Levi-Strauss, referido por Gardner, considera algumas questões como base do pensamento natural em todas as culturas humanas, contemplando questões como a vida, morte e relação natureza e cultura, observando mitos que expressam as mesmas dualidades em diferentes sociedades, como cheio-vazio ou sombra-luz, sendo um produto inevitável das capacidades de percepção do ser humano que interage com o meio que o envolve.

Kris, citado em Gardner (1997), retrata o pintor típico segundo pequenas biografias antigas onde o *background* de cada um era deduzido mediante o desenvolvimento do seu trabalho. Alguns psicanalistas reforçam a ligação que pode existir entre a vida dos sujeitos e o seu trabalho, falando da necessidade do artista unificar as suas capacidades singulares e misteriosas com a sua sensibilidade a conflitos e eventos, ansiando conciliar os seus talentos fora do comum com o seu carácter humano. O artista constrói assim uma defesa que passa pela divisão do self pessoal, considerado o normal e real, do seu self criativo, por vezes com uma conotação mística e diabólica sobre a qual age sem qualquer controlo consciente. Esta diversidade dá ao artista personalidades distintas repletas de diferentes sentimentos e percepções.

Segundo Wagner (2003) existe uma necessidade inerente de representar o homem e a realidade que o envolve, um antropocentrismo. Este fala-nos da necessidade de representação da realidade no objeto artístico, no qual o artista se afirma, dirigindo a arte para si, pois este tem a capacidade de se consciencializar e de consciencializar. Zunzunegui (2010) também vem afirmar uma tendência para a aproximação da realidade da imagem da imagem da realidade, uma tradição figurativa presente na cultura ocidental.

Na sequência deste pensamento focamo-nos na importância dada à forma humana, à sua aparência física, que segundo Mariano (2017) serve de construção do próprio self, sendo esta um fator que também influencia na relação com o outro, no qual se encontram semelhanças e disparidades, permitindo a identificação daquilo que é agradável ou não entre sujeitos. O ser humano tem a necessidade de se exibir e ser observado pelos outros, bem como a necessidade de se encontrar no outro, focando-se

em partes específicas do corpo humano, este assunto será abordado mais adiante no estudo como *nuance* “familiar” presente na obra plástica pessoal.

O parágrafo que antecede abre caminho para uma reflexão sobre o ser e a sua relação com o outro, que elucidará sobre o projeto artístico pessoal.

Com base nestas reflexões, permito-me, neste momento, revelar a constituição mais primitiva da minha obra. Nela estão envolvidas muitas influências dirigidas por vivências ao longo da vida que se destacam nos estados psicológicos baseados na insegurança e desejo de aceitação, o que levou ao conhecimento de outras personalidades inerentes ao meu ser que se desenvolveram de forma a ultrapassar diferentes medos. Individualidades criadas ao longo da vida, misturando a realidade vivida com histórias contadas na infância pelo meu primeiro outro, onde a fantasia e a cruel realidade se misturavam, levando a uma criatividade por vezes assustadora, sobre a qual não se tem qualquer controlo. A obra assinala a disparidade entre o real pessoal e o real criativo, que são pela primeira vez, neste momento, revelados e compreendidos como identidades diferentes, outros, opostos que coabitam em mim, havendo na obra o objetivo de os tornar um só, representando ambas as realidades, criando uma nova, que não deixa de ser uma realidade de um autorretrato...¹

¹ Textos com reflexões pessoais seguem-se recolhidos à esquerda.

Capítulo 2. Constituição do Ser - Olhar Sobre O Real

Existo No Meu Mundo

A minha realidade é feita de uma parte
daquilo que experienciei e me moldou
com a permissão dos sentidos que
utilizei para conhecer o que me rodeia
por dentro e por fora e daquilo que
ainda não sei que existe, mas faz parte.
Estarei a caminhar corretamente para

me encontrar na verdade do meu
interior e do que me provoca o exterior?
Seria correto viver sem o que crio, tirar-
lhe a importância de existir? Sem a
minha criação, não seria a mesma
essência, a mesma direção de olhar.
Seria mais vazio se não me autorizasse
a encarar.

A constituição do ser, segundo Sartre (2003), forma-se a partir do confronto com o mundo, podendo-se constituir através do olhar de outrem. Para este o olhar não advém apenas do sentido da visão, podendo até estar presente num ruído, definindo-o como um elemento constituinte do ser por atribuir julgamentos.

Sartre foca-se na questão do olhar o outro, questionando a sua existência e a relação que existe entre o ser e o outro.

Analizando a minha obra plástica, tendo em conta que esta surge de mim e me revela algo que me pertence, questiono a hipótese de ela ser “o outro”. Partindo da possibilidade do outro ser “real” e do outro neste caso ser a minha obra, encontro necessidade em expor primeiramente algumas teorias que questionam a realidade da obra de arte, vejamos:

Desde a Grécia clássica que a obra de arte revelou a representação do ser, fazendo um enaltecimento sobre o que está acima, algo etéreo que inspira o artista. Esta noção esteve também presente no desenvolvimento da estética cristã.

Segundo Abumanssur (2000) para Platão o mundo eterno influencia o mundo sensível, onde a pintura e a escultura são uma simulação do real, uma imitação da imitação, dizendo que assim sendo a arte é mera ilusão, uma sombra da realidade e da verdade, que por sua vez não alcança nem o belo nem o bem. Sendo impossível para o ser humano que vive no mundo do sensível imitar Deus, o artista verdadeiro, que tem como modelo as figuras eternas. Para este a arte não nos aproxima do real, desvia-nos da verdade, em que o ser não é passível de representação no mundo sensível.

Já para Aristóteles no mundo sensível existe realidade e dignidade, pois o mundo compreensível mostra a sua existência por meio da matéria. Para este a arte é imitação do real “ a arte é elevada em sua capacidade de representar o ser, sendo que a característica de toda a imitação consiste precisamente no reconhecimento do representado na representação.” Este fala-nos de uma identificação que não difere entre representações e o representado, dando reconhecimento ao conhecimento da verdade. A obra do ser humano é arte devido à participação na organização da natureza.

“Se Platão considerava o artista inferior porque mimético, Aristóteles o justifica enquanto mimético. Platão adivinhou que a verdadeira aspiração da arte era representar o

divino por uma imagem. Mas a essa imagem falta realidade. Aristóteles, ao contrário, situa essa imagem em pé de igualdade com todas as realidades existentes neste mundo (...) porque se assentam sobre um logos, estão em conformidade com a ordem cósmica e se submetem à atração do Primeiro Motor” Besançon (1997:71) citado em Abumanssur (2000)

Para Wagner (2003) a arte não pode ser orientada pela questão de utilidade, é um produto da cultura e não da vida. Este afirma que a arte moderna não é capaz de influenciar a vida pública, sendo orientada para um público específico, direcionada a quem seja capaz de a compreender, chegando a falar da separação de pessoas cultas de incultas, podendo gerar mal entendidos por quem não a entende, oferecendo apenas prazer àqueles que a percebem, sendo uma percepção que exige um estudo, estando longe da realidade da vida.

Segundo Vidal (2015), para Heidegger a arte deve ser dada uma essência baseada na verdade do ser. Este defende que a arte não corresponde a nada real, sendo uma junção dos seus intervenientes, explicando que o artista é a origem da obra de arte e a obra de arte é a origem do artista e o conceito de arte nasce do artista e da sua obra, encontrando-se nesta e aprendendo-se a partir dela. Não correspondendo assim a nada concreto, sendo o desconhecido. Para este, a arte representa o que nos rodeia, sendo apresentada no seu mundo uma realidade ou a sua própria realidade, não existindo uma imitação do que já existe. A arte é real na obra de arte, existindo uma verdade coisal que vai além da coisa, onde a arte é capaz de se explicar a si mesma através dos seus meios. Além desta ser da origem do artista e da obra, instaura um mundo. Surge do conflito entre o mundo e a terra, onde o mundo, aberto, incide na terra, fechada, descobrindo-se a arte. A obra de arte revela o que se fecha, a terra, descobrindo uma verdade, pondo a verdade em si própria, produzindo a terra ao levar o mundo até ela. A obra de arte coexiste com o mundo e com a terra, onde o mundo e a obra de arte formam a terra.

Conforme Vidal, para Badiou a arte é um acontecimento finito e concreto e a obra de arte é uma parte desse acontecimento, sendo esta um estágio de um processo, um fragmento finito da verdade. A arte é uma objetividade finita no tempo e no espaço, completando-se dentro dos seus limites na qual aplica toda a perfeição que consegue, esta ensina a si mesma a questão do seu próprio fim. Este defende que a arte é um

acontecimento, mas uma obra de arte isolada não o pode ser, pois a obra é um fato da arte onde são necessários vários para existir um processo de acontecimento-verdade. Este defende que a arte é algo real, vivendo separadamente, por si, não necessitando dos outros, sendo autónoma pela sua novidade. A arte põe-se a si própria em verdade, não como aborda Heidegger sobre uma representação da verdade, mas indo ao encontro deste na medida em que se cria um mundo não sendo uma cópia do que já existe. Badiou defendendo uma verdade artística, independente e autónoma, sendo a arte uma nova disciplina, com uma dimensão fáctica e a única coisa finita que existe.

Referindo Platão (2017), citado em Mariano (2017) podemos observar que a percepção da realidade pode ser influenciada por fatores como a religião, cultura ou tradição espiritual. No caso da Alegoria da Caverna, os homens que lá estavam acreditavam que aquela era a única realidade que existia. Sendo discutido que a crença numa realidade pode ser influenciada pela ignorância que se tem em relação à existência de outras realidades e às formas de a vislumbrar. Embora seja latente o desejo do ser humano de saber a verdade, é-lhe conhecido que o que o rodeia é que influencia a construção da sua realidade cognitiva, onde a percepção visual influenciará a sua opinião.

Mariano (2017) refere Huxley que argumenta que podem existir realidades exteriores às que sempre se viveram, alegando que a procura pela realidade só poderá trazer novos conhecimentos sobre o que rodeia o ser humano. Este afirma que nenhuma visão é igual a outra, onde cada um encontrará a sua própria interpretação afetando a percepção final do mundo em redor, havendo aqui uma construção e uma desconstrução do visual. Existe no redor da preocupação da obra de arte aquilo que é interpretado pelo artista e pelo observador, o que gera ilações diferentes em cada um. Será dificilmente possível o conhecimento da percepção da realidade verdadeira. Existe uma realidade na obra de arte que existe decerto na visão do artista que a concebeu, que para os outros pode não ser a realidade.

“A percepção individual de realidade é o fator principal para a construção de uma personalidade e, por essa razão, é, simultaneamente o fator principal para a criação da visão e cada um.” Mariano (2017:29)

Depois de uma reflexão sobre os pensamentos expostos arriscar-me-ia a defender o olhar unido de crenças, experiências, possibilidades e transcendências na construção do ser, transformando o olhar a arte, ou o

olhar o meu próprio ser numa subjetividade aparentemente que só a mim pertence da forma como eu a penso, inacessível ao pensamento do outro, mas que me pode ser dada por ele.

Podendo o outro ser a minha obra de arte e eu a obra de arte dele.

Vejamos o percurso de pensamento de Sartre sobre o Olhar o Outro, que sustentará esta reflexão inicial e a possibilidade de a obra de arte ser “o outro”:

Sartre inicia a sua reflexão sobre Olhar o Outro tentando contrariar o solipsismo², onde o sujeito crê apenas na sua forma de pensar, tendo a certeza da própria consciência como única origem do ser, estando certo apenas de si mesmo.

No caso da subjetividade, esta pertence a um sujeito e será apenas compreendida por ele, não existindo a possibilidade de aceder ao que está no consciente de um outro ser, da mesma forma que ele percebe o seu próprio pensamento.

Como referi anteriormente a subjetividade é “aparentemente” só minha, pois apesar de ser compreendida apenas por mim, não será o único fator constituinte da minha consciência, caso contrário teria apenas a certeza da minha própria consciência, incluindo-me assim no pensamento solipsista.

Segundo a filosofia existencialista de Sartre o sujeito forma-se ao longo da sua existência, com a interação com os outros sujeitos, também livres de seus pensamentos, onde o existir é o ponto de partida para o indeterminado, não havendo uma essência definida.

Sartre refere “Cogito ergo sum” de Descartes, onde a essência do sujeito se constitui pela certeza da sua capacidade própria de pensar, conhecendo-se a si mesmo, revelando um sujeito livre que define a sua própria existência. Mas para Sartre, sobre esse ser sujeito surgem outros pensamentos que também o definem, os dos outros.

Para Sartre o outro não é definido apenas através da presença de um corpo, pois este pode não ter uma realidade humana presente. A existência e a essência definidas

² Solipsismo é a crença no conhecimento formado através de experiências pessoais, sendo impossível a relação destas com algo para além de si. Onde se acredita apenas no presente, sendo-se cético até mesmo perante o passado. Joelkaula, (2018)

apenas pela presença do corpo é uma teoria realista, onde embora possa existir uma consciência semelhante à de quem observa, existe a possibilidade de este corpo poder ser uma máquina. Para Sartre ao termos acesso ao outro pelo conhecimento que temos dele, sendo este conhecimento apenas provável, existe a possibilidade de o outro também o ser. Este afirma que ser é ser percebido, percipi, onde o outro existe mediante o conhecimento que se tem dele. Então se o pensamento sobre o outro se formar a partir de um corpo este pode ser apenas uma representação.

Para Sartre o outro deve ser considerado um sujeito que observa, ou seja, o outro não poderia ser apreendido apenas como objeto da forma como Kant o define, onde a universalidade predomina sobre a subjetividade, onde não existem particularidades entre os sujeitos, sendo o ser sujeito uma essência comum a todos. Desta forma, Sartre observa que existe a possibilidade de categorizar os objetos, sendo o outro uma representação de um tipo de objeto. Sartre questiona então a possibilidade de conhecer o outro, visto que este é um tipo de objeto.

Para Sartre o outro transmite uma percepção ao eu que não lhe pertence, mas obriga o eu a conhecer-se. O outro desta forma aparece na experiência do eu mas não o conduz à experiência, estando fora da experiência do eu não lhe sendo oferecido.

Sartre afirma que as experiências de quem observa o objeto é que o constituem, pois não existe um acesso às experiências do outro, que por sua vez não terá acesso às do sujeito que o observa. Para o sujeito que observa o outro, o observado torna-se objeto, não um sujeito, pois este não tem acesso às experiências de quem o observa.

Na reflexão sobre a minha obra revejo nela a sua presença como um corpo, um objeto, pois este existe, mas poderá não ter uma essência, eu constato-a como aquilo que eu vejo, que eu percebo dela, um corpo sem realidade humana, sem experiências próprias, sem vivências. Para Sartre, as experiências é que formam o outro, desta forma eu posso ver a obra, sendo esta um objeto para mim e eu o sujeito, mas ela não me pode observar de forma a tornar-se um sujeito pois não tem experiências. Desta forma, a meu ver, julgá-la autômato seria julgar-me da mesma forma, na carência pessoal de memória, o que me tornaria nula de vivências, ou seja incapaz de transpor as minhas vivências para a formação do outro, a obra.

Para Husserl, segundo Sartre, existe um eu em relação ao mundo e aos outros, onde se conhece o outro tendo experiência dele. O eu vê o outro como se vê a ele mesmo, um ser que vive, de forma diferente de como observa um objeto. Este afirma que o outro é um alter-ego, um estranho.

Experienciar o outro, para Husserl, é diferente da forma como se experiencia a si próprio ou a um outro corpo.

Para ele os seres constituem-se uns aos outros, havendo uma constituição universal, onde o outro pode vivenciar o que o eu vivencia, pois as suas estruturas de comunicação são as mesmas, sendo o outro um eu no seu próprio mundo. O ego constitui os outros e os outros constituem-no.

No mundo aparece o ego e o outro ao mesmo tempo, e na dúvida da existência do outro, fora da experiência do ego, eu, este deve também duvidar do seu próprio ser.

Para Sartre o pensamento de Husserl une o *epoché*³ ao eu transcendental⁴, onde a consciência humana apreende a realidade pensando o mundo como sendo “constituído” por um eu, contrariando a existência do que não for dependente do seu eu. O eu é então um ser isolado. Embora, o autor tenha procurado afirmar que o outro é a condição necessária para a constituição do mundo, este não se afasta de uma ideia solipsista.

Conforme Husserl existe, a meu ver, uma relação pessoal com o outro da forma como este a descreve, pois o projeto artístico pessoal tem início numa relação com um alter-ego, o cogumelo, sendo este um eu no seu próprio mundo, com o qual me identifico, retirando dele aquilo que também me define, transportando-me para outra existência, sem a qual provavelmente não existiria o meu ego, nem o outro ser exterior que nos observa unidos, a obra.

³ Epoché é Algo que não se afirma nem nega, onde se vislumbra o enigma, mas não se resolve. (Ceia, 2018)

⁴ Eu transcendental, ou Ego transcendental é referido ao próprio sujeito, para Husserl, que difere das ações deste, existindo um *Epoché*, que vem da subjetividade de apontar para a essência e não para o objeto concreto. (Wikidot, 2018)

Segundo Hegel, na leitura de Sartre, o sujeito precisa do outro pois este torna verdadeira a consciência que o sujeito tem de si. O ser-para-o-outro é um estágio necessário para o desenvolvimento da autoconsciência. O eu destaca-se no reconhecimento do outro, pois este forma a individualidade do sujeito, sendo este apreendido como objeto ao ser observado pelo outro, sendo como aparece ao outro. Existe assim um valor do reconhecimento do eu pelo outro que depende do valor do reconhecimento do outro pelo eu. A consciência do eu torna-se verdadeira através do conhecimento do seu reflexo no outro.

Sartre afirma que para Hegel a essência encontra-se no sujeito, sendo este o senhor e o outro o escravo. Existe uma luta entre ambos de forma a elevar a sua verdade. O escravo torna o senhor verdadeiro, mesmo que não seja necessário, pois o eu já tem a certeza de si, mas corre o risco de não ter essa certeza como verdadeira na possibilidade do outro desaparecer. Desta forma existe um ser para si por meio do outro, onde duvidar do outro seria duvidar de si mesmo. Desta forma ser e reconhecimento são semelhantes, pois cada um quer que a sua certeza de si seja verdadeira, tornando sempre o outro um objeto para o eu, que também se torna objeto para o outro, não existindo aqui uma relação ser-para-outrem além de ser-objeto. Para Sartre, desta forma há uma relação bilateral e não recíproca. Sartre afirma ainda que se para Hegel o outro é o objeto e o eu vê-se como objeto no outro, para o eu se aparecer a si mesmo como objeto no outro seria necessário ver o outro como sujeito. Mas como o outro aparece como objeto a objetividade do eu para o outro não aparece para si, não havendo uma medida comum entre o que um é para o outro ou o que cada um é para si mesmo, nem entre objeto-outro e eu-sujeito.

Sartre refere em Hegel um otimismo epistemológico ao existir uma concordância objetiva entre consciências, que se faz pela existência de reconhecimento de um pelo outro, e um otimismo ontológico, pois o problema do outro é tratado dentro do conceito do todo. O todo não existe numa consciência em particular, este é a medida entre as consciências e revela-se através delas, sendo o todo uma representação da verdade de tudo o que é verdadeiro. Para Sartre, desta forma, a via do conhecimento dá lugar à ontologia.

Hegel não questiona a relação entre o eu e o outro, este vê o ser do eu equivalente ao ser dos outros, colocando o problema do outro a partir do eu, onde o que se mostra como ponto de partida seguro é o cogito do seu interior pessoal.

Existe no meu ser uma necessidade de reconhecimento do outro, da obra, para a veracidade do meu interior pessoal. A obra reflete a minha existência. Levando o pensamento de Sartre para a minha obra, questiono a possibilidade do outro ser considerado sujeito, na medida em que há uma aparição de mim mesma como objeto no olhar do outro, ou seja, considerando que a minha obra de arte revela o que observa em mim.

Para Sartre a consciência de si e a relação com o outro não devem ser formadas por meio do conhecimento. Para este deve haver uma relação de ser a ser.

Heidegger também fala dessa necessidade, onde as realidades humanas dependem umas das outras. Este olha o outro de forma diferente de como olha um objeto. O seu conceito de Dasein (ser-aí), coexiste com outro Dasein, ocorrendo desta forma um Mitsein (ser-com). O Dasein é um ser-no-mundo, tomando-se como um todo para si mesmo e o outro coexiste também com um todo para si mesmo, onde o eu do ser não reconhece o outro como coisa dada, mesmo sendo ambos uma copresença no mundo. A reflexão de Heidegger não parte do cogito para descobrir a consciência. Para este existe uma coexistência comum baseada no conhecimento do outro, não havendo uma relação do eu com o outro, ou seja as realidades formam-se umas às outras ao encontrar o outro, mas os seres não se constituem uns aos outros. O ser-com de Heidegger, segundo Sartre isola o homem tal como o solipsismo, pois o encontro com o outro não o constitui. Aqui é estabelecida uma relação sem luta ou conflito, sendo uma relação de solidariedade, o que difere de Husserl e Hegel, onde existia uma relação entre consciência que se dava com o ser-para, no qual o outro aparece para construir o eu, onde as consciências se reconheciam e enfrentavam.

Tal como Heidegger eu não olho o outro, a minha obra, como olho um objeto, olho-o como um ser no mundo, uma copresença, onde eu sou com o outro, constituindo o nosso mundo. A obra já existia antes de eu a comprovar. Ao encontrar a obra ela passa a fazer parte da minha realidade, mas contrariamente a Heidegger esta também me constitui e eu a constituo, pois quando se revela mostra-me algo de mim e influencia-me. Agora presente na minha realidade exterior faz parte do mundo onde nos constituímos como um nós. Desta forma uno a reflexão de Heidegger sobre o ser e o outro com a sua reflexão sobre o artista e a obra, embora não haja

uma ligação uma com a outra, unem-se na medida em que a minha realidade e a da obra são tratadas como realidades humanas.

Sartre não tenta provar a existência do outro, ele tenta fundamentar a certeza da sua existência. Este afirma saber da existência do outro, compreendendo-o, estando um cogito inerente ao outro. Para Sartre o outro não é algo que constitui o nosso conhecimento do mundo e deve aparecer ao cogito como não sendo o eu. À existência pertence indiscutivelmente o ser para o outro, que existe antes do eu estabelecer uma relação com ele de forma a assegurar a sua existência.

O outro já existe antes do eu estabelecer algo na relação com ele, o outro aparece como pessoa e não apenas como objeto, havendo uma conexão com o outro diferente da estabelecida pelo conhecimento, devendo percebê-lo como objeto mas também como ser, pois este também observa o que o rodeia tal como o eu observa o outro e os outros objetos. Ambos se relacionam com o meio envolvente fazendo surgir ao outro uma espacialidade diferente da que surge ao eu. Na visão do outro surge o eu inserido no espaço, o qual lhe escapa, pois não tem acesso a essa perspectiva. O outro não permite o acesso ao eu interior. Este define-se na sua conexão com o meio, havendo a possibilidade do eu ser visto pelo outro, sendo o eu objeto para o outro, passando este a ser sujeito, pois o olhar do outro não pode ser objeto e o eu não pode ser objeto para si. O outro é apreendido como homem pela possibilidade permanente do eu ser visto por ele.

O para-si também deve ser constituído pela realidade do outro. A relação entre o eu e o outro é experienciada pelo olhar, o eu é olhado pelo outro e este não é o eu porque se constitui com a negação de ser o eu. O eu não é o outro devido à forma como se apreendeu como sendo ele mesmo. Do outro apreende-se o seu olhar e não os seus olhos, olhar o outro é deixar de perceber os olhos, onde o olhar é necessário para perceber e ver o olhar é tomar consciência de ser visto.

Para Sartre existe um reconhecimento perante a vergonha. Esta aparece apenas numa consciência irreflexiva, pois a consciência reflexiva tem o eu como objeto, onde na própria reflexão se encontra apenas a sua consciência, sendo o eu apreendido pelo para-si, tendo o eu como objeto, remetendo para o que já foi vivido, não para o momento. A consciência irreflexiva corresponde ao ser olhado, onde existe a presença do outro como mediador entre o eu e o eu através da vergonha de como o eu aparece ao outro, reconhecendo que é também como o outro o vê. Ou seja, dá-se a realização de

que não há correspondência entre o que o eu é para si mesmo e o que o eu é para o outro. O eu aparece como objeto ao outro e não corresponde ao que é para si. Através do outro existe uma constituição do eu num outro tipo de ser que não existia nem no eu nem no outro, mas o eu é responsável por ele. Existe uma apreensão do eu enquanto objeto para o outro, desta forma acontece a fuga da sua liberdade. Com o olhar o eu através do outro surgem julgamentos imprevisíveis e indesejados, por vezes sobre os quais o eu não tem qualquer controlo. A liberdade do outro limita a do eu, o outro transforma o eu em objeto porque o observa.

Sei que a obra não sou eu, é outro, porque esta apresenta uma forma diferente de como sou ao espelho e diferente do meu eu que vejo primeiramente originário do meu interior, mas poderá fazer parte de mim. De que forma? A obra já existia antes de eu criar uma relação solidária e necessária com ela, antes de ela surgir perante o meu olhar e causar uma mudança na forma como me vejo por a reconhecer como parte de mim, ou seja, por ela mostrar algo meu que deriva da forma como ela me vê no seu mundo, com o olhar artístico.

Antes de haver uma observação por parte da obra, existem outros que também julgam o eu e o formam, que também já existiam antes de eu os vislumbrar. É na junção de todas as impressões captadas uns pelos outros que se constitui o juiz de todas as sentenças, que as aceitará por fim, a obra. Para tal é necessário perceber a relação que existe entre os eus e os outros na minha pessoalidade.

Existem presenças que julgam as outras, despoletando-lhes a vergonha pela forma como são julgadas. Uma vergonha irreflexiva, onde cada entidade sente vergonha de como aparece ao outro no momento em que percebe a existência do outro como observador. No caso pessoal uma das entidades age de uma determinada maneira durante um período de tempo, o fator tempo é que gere a aparição de cada uma das personalidades, e é no momento em que uma das entidades dá lugar a outra que surge a vergonha, vejamos: ao sair de uma sala no momento em que o outro entra, estes encontram-se e julgam-se, sentindo-se cada um envergonhado pelo que o outro pensa dele que difere do que cada um pensa de si. Desta forma surge uma diferença entre o que um pensa do outro e o que o outro pensa de si. O

ser de um passa a ser do outro. Por outro lado existe uma vergonha reflexiva que surge do que já aconteceu, estando eu já a observar-me, o que se reflete na obra, estando presente uma reflexão sobre os eus e os outros que sempre me constituíram, que são agora vistos por mim através desta, refletindo sobre o passado.

Nos pensamentos anteriores observamos o eu como centro do pensamento, um eu que vê o outro ou é visto por ele.

Em Husserl observámos um eu que vê o outro como um alter-ego, em Hegel um eu que enaltece a sua verdade através do outro, em Heidegger o eu e o outro são iguais, existindo um eu em cada um que observa o outro, onde um não necessita do outro para se formar e em Sartre o outro pode ser um eu e cada um se pensa como centro do pensamento, onde o eu vê e o outro também, tornando-se um eu, mas o outro não é um eu que se pensa como um outro para o outro mas como um eu para si próprio. Rimbaud vem rejeitar o eu como identidade segura, previsível e definida.

Rimbaud vem afirmar que “Eu é outro”, em que qualquer eu é um outro eu para si próprio. Este pensamento não se forma a partir do cogito de Descartes, o autor afirma ainda que o penso deveria de ser substituído por pensam-me. Em Rimbaud há uma confusão de papéis entre o locutor e o interlocutor. Este opõe-se ao eu que se pensa senhor ou autor, este não diz eu sem se tratar por tu.

Com esta teoria surge uma identificação pessoal instável, o eu torna-se um desconhecido para si mesmo, havendo a existência de um outro eu no eu, onde os opostos são constituintes do mesmo ser, estando incluídos, formando uma relação dinâmica, havendo uma transformação permanente do eu, onde se questiona a certeza absoluta da verdade. Forma-se assim uma alteridade que se funde com o interior do eu e não apenas do eu do outro como outro eu. O eu descobre-se outro, por exemplo observando o eu do passado e o do presente, sendo que o eu do presente já não se reconhece no eu do passado devido à sua transformação permanente. Observamos assim a presença de vários eus.

Pode-se deste modo observar o caso de Fernando Pessoa onde o próprio eu se constitui como um outro teatral. Existe aqui uma entidade multifacetada fugindo à ideia de unidade e igualdade que determina o eu igual ao próprio eu, dissipando-se a ideia de eu definitivo.

Os heterónimos de Fernando Pessoa poderiam ser outros, integrantes no seu eu pessoal, constituindo-se uns aos outros.

Fernando Pessoa, desde pequeno, tinha tendência para criar um mundo imaginário com personagens inventadas, que perante o mundo real apenas se diferenciavam as pessoas.

Cada um dos heterónimos que surge a Fernando Pessoa tem uma vida e pensamentos próprios, aspeto físico e características psicológicas específicas. Fernando Pessoa cria um mundo de personagens que discutem ideias, teorizando através da contribuição de cada um deles mediante a maneira de ser própria de cada um. No caso específico da aparição de Alberto Caeiro consegue-se ver o afrontamento que Fernando Pessoa viveu ao experienciar a produtividade de Caeiro, desta forma Pessoa teve a necessidade de se enaltecer perante o outro fazendo-se surgir perante ele, pois este sentiu-se inexistente na presença do outro, mesmo que os dois coexistam sempre.

Para a existência da minha obra e para a constituição da essência do meu ser existem várias personalidades, como já foi referido anteriormente. Destacam-se o primeiro outro, a mãe, como responsável pelas minhas primeiras experiências que me fizeram ser um sujeito, sendo o meu primeiro eu além de mim; o ser cogumelo, um alter-ego, exterior a mim; um outro ser que aparenta masculinidade, que se revela numa criação prazerosa, excitante, produtiva, gratificante, alegre e por vezes raivosa; ainda um outro ser feminino, sensível, com baixa autoestima, tortuoso e massacrador, mas também ele produtivo; e a obra, que revela todos os eus e os outros fazendo-se nascer, mostrando um ser constituinte de todos os outros e um mundo ao qual pertence.

Existe uma consciência das presenças interiores e de que estas se formam umas às outras mas agem separadamente. As suas experiências formam cada umas das outras personalidades ao observarem-se. Vejo-me um ser diferente com a presença de cada uma delas. Sinto quando uma entra em cena e tira a liberdade da outra, tomando-lhe o lugar. Embora tentando, não consigo fazer nada a respeito da chegada de cada uma e da sua permanência. No entanto ao longo do tempo apercebo-me das situações que levam ao surgimento de cada entidade.

Sou mulher, sei-o com toda certeza que fisicamente o sou. O que trará certamente as suas particularidades. Desta forma assisto a um *loop* temporal que permite a volta de um outro eu, já antes vivido. A sequência repete-se e provavelmente não conseguirei sair dela, talvez nem queira, mas a cada vivência de rotina apreendo mais o meu ser e aprendo mais sobre o ambiente que o rodeia, melhorando o conhecimento pessoal de modo a que este *loop* se torne mais produtivo. Esta sequência de personalidades será sempre revivida e acrescentará sempre algo à experiência, o que torna o crescimento pessoal e a obra perpétuos e indeterminados.

Na minha condição de mulher questiono o controlo da minha estabilidade, mas sem o oposto, provavelmente não seria capaz de criar tais subjetividades. Mas isso seria outra questão. De qualquer forma sinto-me preenchida com a presença de um ser masculino em mim, e a dos outros seres.

O novo ser absoluto que surge aparenta-se andrógino e orgânico demonstrando no seu próprio ser e aspeto a sua natureza e o meio em que está inserido.

Quando falo em obra refiro-me a várias peças que a formam, pinturas ou instalações, caracterizando-a assim apenas através de uma linguagem plástica. Considero-a um autorretrato, pois nela faço surgir a união das personalidades que me integram, onde eu sou o outro, que surge da conceção de mim mesma. Elaboro-a então como o fruto do meu ser. Mas deva-se refletir o propósito da obra ser sempre um outro, pois esta, além de me observar e aos diferentes eus em mim, também se revela através do automatismo que a faz surgir, algo espontâneo, inconsciente, que por outro lado também será um outro eu, não sendo eu, mas sendo, fazendo-se surgir alguma controvérsia no pensamento, não se sabendo quando sou eu e quando é um outro.

Na obra não são elaboradas apenas representações de uma perna, um sexo ou uma textura que surge da observação de um ser exterior, mas de um nascimento de uma identidade, originária do ventre da consciência, daquilo que se descobre ser ao longo da vida. Um novo ser, que sou eu, que surge da separação das entidades próprias, para o seu entendimento, retirando-lhes a feição, despontando um reflexo do interior pessoal que compõe o seu

próprio mundo para si mesmo. Origino uma obra de arte real no seu mundo, sendo eu nascida de mim, onde apresento todo o meu ser como uma criação ainda a ser sustentada, em crescimento, que ainda experiencio. Sendo autorretratado o que se acabou de viver a cada momento. Sendo cada experiência um fragmento de uma peça.

Capítulo 3. (In)Visualidades: Questionando o Ocularcentrismo

Existo Se Me Quiseres Olhar

Sente...

...

Sinto-te, prevejo-te, dominas-me, mas
os dedos também.

Cheiro-te insaciável, rogo-te que me
vejas. Sente... Prevaleces...

Olha o sabor do negro onde verás
estrelas a derreter. Ouve-te no estalar
dos teus olhos, nas lágrimas das tuas
mãos, sente o gosto, lambe os sons
daquilo que te faz ver...

Que mais dizer... absorver... se não o
obvio.

Eu não sou transparente se me quiseres
ver. Observa como fui feita, o que me
fez ser assim.

Mostrar esse mundo aos outros? Como
pode ser algo se só eu conheço, só eu
entendo, quero mais. Reconhece-me!

Ou será... Conhece-me!

Quererei reconhecimento ou um olhar
levado aos sentidos dos que não o veem
por agora.

(Conversa de mim para mim)

“(...) captar um olhar não é apreender um objeto-olhar no mundo (...), é tomar consciência de ser olhado. O olhar que os olhos manifestam, seja qual for a natureza deles, é puro reenvio a mim mesmo.” Sartre citado em Vidal, (2015)

Para Sartre o olhar é um acontecimento e ele é que define o ser e o outro. Afirmando que a existência advém do ser olhado pelo outro e confirmado por este, pelo mundo. Para este tudo o que existe olha, olhamos para tudo e tudo nos olha, o olhar está no mundo.

Para Descartes (1982) a percepção não é a visão, este refere que a realidade chega através de outros meios além da visão, explicando as percepções da alma e do corpo. Das percepções da alma fazem parte as aspirações, a imaginação, o pensamento e o desejo daquilo que se quer ver, muitas vezes imaginando algo que não existe dependendo dos sentimentos momentâneos vividos. Sobre as percepções do corpo são referidos os nervos, que são atribuídos ao que excita os sentidos: objetos, o próprio corpo, a luz, o som, a fome, a sede, a dor, o calor, surgindo naturalmente a partir do corpo humano ou pelo contacto com algo exterior. Este refere as fantasias como influentes na percepção: os sonhos, as ilusões e os devaneios, que estão afastados das percepções da alma.

Da ocularidade fazem parte o olhar e a visão, tendo cada uma a sua finalidade, vejamos:

Segundo Vidal (2015) o olhar é responsável pela construção filosófica do ser, do eu e do outro, sendo o instrumento olho uma componente da visão e não do olhar, que é algo amplificado que não se pode situar de onde vem, algo sem direção, contrariamente ao olho que vê. O olhar não reside apenas no ver, nem se confina a uma forma de observar. Segundo Vidal para Sartre, Merleau-Ponty e Lacan o olhar está no mundo, sendo o olhar o próprio mundo, estando acima da visão, vendo a visão a ver. O olhar é o mundo, as imagens, a subjetividade e a visão, é um invólucro que cobre o mundo da imagem e o mundo do mundo. Este será mais do que um mundo.

Braune (2000) afirma ainda que seria restringir a condição humana se o olhar apenas se limitasse àquilo que se vê.

A visão, segundo Jonathan Crary, citado em Braune, não é a única ferramenta da percepção, pois esta apenas constrói um mundo de imagens, fazendo uma construção subjetiva, construindo a sua própria subjetividade. A visão pode atuar de duas formas:

num sentido biológico e fisiológico, onde a primeira se debruça sobre a observação de uma imagem e a consciência do que é visto, e a segunda diz respeito a uma visão que se constrói a si mesma, não se confinando ao visível e não tendo necessidade do real para ser verdadeira. A visão vê o que quer ver, dependendo do sujeito, da sua história e da sua cultura; do passado, presente e futuro projetado; desejos e intenções inconscientes. Sendo diversas as condições que formam a percepção. Esta autonomiza-se em si, por si e para si, fazendo uma construção autónoma da realidade, pois o que é visto não corresponde ao que ocorre no mundo. A visão distingue-se do olhar da mesma forma que a imagem e o mundo. A visão, ligada à imagem, constrói, recebe e assimila o mundo.

Entendamos, segundo Vidal, que o som se escuta e a música ouve-se, a imagem vê-se e o mundo olha-se.

Santo Agostinho afirma que para “(...) ver tem de se ver além daquilo que não pode deixar de ser visto, ver não pode ser constatar evidências.” Vidal (2015:475)

Dependendo da forma como cada um tem a possibilidade de observar o mundo que o rodeia, a forma como o vê depende da configuração do sentido que utiliza, seja a visão, audição, olfato ou tato. Se um deles falhar o ser humano adaptar-se-á e recorrerá a outro sentido que logo ficará fortalecido. Caso aconteça a perda do sentido mais aguçado terá de haver uma reeducação sobre outro sentido, de modo a aprender a associar um objeto (segundo a nova forma de o observar) ao significado do mesmo, sabendo que numa primeira impressão não existirá ligação entre ambos.

(...) nada vemos quando nos servimos pela primeira vez da visão. Diderot citado em Vidal (2015:392)

Ainda para Vidal, além dos sentidos, existem outros fatores que podem influenciar a forma como cada um vê o mundo, como a educação e a maneira como aprendeu a identificar “realidades”.

Em Vidal (2015) é afirmado que se vê pouco quando não se vê para além do que não podemos deixar de ver, e que a visão não precisa de algo real integrado para se confirmar. Expostos os significados de olhar e visão surgem, segundo Vidal, quatro conceitos diferentes determinantes da invisualidade: Visível, visual, invisível, invisual. O primeiro conceito, o visível, refere-se ao que pode ser enumerado e não possui qualquer conteúdo. O segundo, o visual, engloba o visível classificando-o, sendo provido de sentido, ou seja é como a consciência do visível, ou um visível com consciência, tendo elementos e conceito. O terceiro, o invisual, retém o conteúdo do

visual sem o elemento visível, privilegiando o sentido, sendo este o conceito em que se insere o olhar. O quarto, o invisível, é a interpretação que pode ser feita sobre algo.

Para Vidal, a obra de Bruce Nauman, “Raw Materials” contempla esses quatro determinantes. Uma obra que envolve o espetador com o espaço da obra, sendo esta sonora, com 22 gravações de trabalhos anteriores incluindo textos elaborados a partir de gravuras, esculturas e desenhos; áudios ou vídeos. Os textos são apresentados como gravação de som, as palavras ouvidas são repetidas, formando novas. São construídas frases que não dão em nada, transmitindo diversos sentimentos, dependendo do tom de voz, do ritmo ou entoação. Esta obra remete para a sensação de asfixia, intimidação, claustrofobia ou ansiedade, uma obra que através do som convoca imagens sem estas existirem de uma forma visível.

Segundo Vidal a obra de arte destina-se a outrem, ao olhar do outro, devendo ser olhada e não vista. No caso da pintura, para Leonardo da Vinci, afirma Vidal, esta deve transparecer as funções do olho que nos permitem clarificar uma cor, uma linha, um ponto, uma textura, permitindo ler a obscuridade, a luz, a corporalidade, a configuração, a localização, a distância, a proximidade, o movimento e o repouso. O que torna a pintura pertencente ao plano visual com sentido e conteúdo. Para Vidal, a pintura não é uma acumulação de imagens, onde outrem apenas elabora a ação de ver de forma focada e localizada, não se destinando a um olhar específico, sendo vaga e abrangente como o olhar. Olhar a pintura é olhar o tempo em que foi feita, é olhar o olhar de outrem, sendo que um olhar não está em quem a olha nem provem de si mesmo, esta provem do mundo. Com o olhar a infinidade da pintura percebe-se o que se é perante ela, vendo-se a si mesmo.

Para Martins (2008) a arte poderá ser interpretada por cada um conforme o seu conhecimento, imaginação, independentemente de ter alguma incapacidade, conseguindo a arte ir além daquilo que é visível. Este diz-nos que a arte deve ser experienciada não apenas através da prática sensorial, mas também pela experiência criativa, indo além do que é meramente observável.

Capítulo 4. Das Unheimlich na Formação do Eu

Construo-me A Partir De Outra “Coisa”

Desintegro-me para te construir...

consumir-te

...

Serás de mim, serei de ti.

Desconheço-te, sai de mim, não me
pertences mas sei que em mim estais.
Já não sei o que fazer, a quem recorrer,
alguém me consome, consome-nos a
todos, tiro-te de mim, despenteio-te,
torno-te outro, faço-te meu, tento
educar-te.

Vi-te e conheci-te em mim. Terei de te
voltar a aceitar nos meus calos, no meu
suor.

Destruo-te...? Enalteço-te...?

Confusa entre a realidade que me
pertence e a que “me pertence-te”, pois
não disponho de qualquer controlo
sobre ti.

Faço de ti gigante, um organismo que
rejubila no momento da sua conceção.

Faço-te meu sem o seres, torno-me
estranha de tanto te deixar abraçar em
mim.

Enalteço-te, és meu, mas não te
conheço...podia-te destruir.

“Há uma imagem de mim a povoar as mentes dos que me conhecem, imagem essa que me substitui quando não me têm presente e que, por isso, convive mais com eles do que eu próprio. Para o outro, essa imagem é mais eu do que eu próprio, ela domina e eu apenas posso ser mera aproximação ao que ela significa na sua mente.”

Nuno Matos Duarte (2018)

A frase “conhece-te a ti mesmo”, uma vez inscrita nos pórticos do templo de Apolo em Delfos, que Sócrates procurava compreender, despoleta o medo no sujeito sobre quem ele próprio é, levando a algo inquietante ou estranho.

O sentimento de inquietante ou de estranheza pode ser resultante de uma incerteza intelectual, sendo este raro quando o indivíduo conhece e se consegue orientar no espaço que o rodeia, segundo Ernst Jentsch (1906), citado em Freud, (2010).

Este sentimento é referido por Freud como *Unheimlich*, não-familiar, resultante do *Heimlich*, familiar, que ficou escondido e ressurgiu numa nova forma, possivelmente assustadora.

Para Freud a inquietude pode ter início numa rutura da racionalidade tranquilizadora da vida quotidiana, sendo que numa sociedade a diversidade que lhe é implícita não causa estranheza, contrariamente às peculiaridades que possam surgir do que não esteja habituada. Pode-se concluir que algo seja ameaçador por não ser conhecido e familiar, não fazendo de tudo o que não se conhece algo intimidante, não tendo que ser uma relação reversível. Uma novidade pode-se tornar facilmente assustadora e perturbante e para que algo se torne inquietante deve ser acrescentado algo ao familiar.

Segundo Miguel (2006) os primórdios do ser humano conheciam o seu mundo através de um conhecimento mítico e de certa forma sobrenatural, compreendendo a natureza como algo incompreensível, instável e obstinada. Mais tarde o ser humano perde a sua crença por objetos, seres e fatos fantásticos devido à extensão empírica e conclusiva que garantiu uma leitura mais direta da natureza. Com a tecnologia, concepções formadas pela mente humana ganham poder sobre a natureza, mas continua a ser insuficiente o conhecimento, mesmo que imenso, para a interpretação de fantasias

que continuam a surgir, não conseguindo a ciência extinguir o poder psíquico impulsionado pelas artes.

Segundo Silva M. O. (2009) na época clássica o caso da deficiência nos indivíduos era considerada uma divindade pelos egípcios e um mau presságio para os gregos e romanos, que abandonavam ou atiravam as crianças deficientes da Rocha da Trapeia porque eram associados a forças demoníacas ou feitiçaria e bruxaria.

Segundo Miguel numa época medieval havia uma tensão sobre o que era o divino e o que era diabólico, onde os feitos considerados diabólicos seriam intoleráveis e não demonstravam grandeza divina, devendo os pecadores ser julgados e condenados à morte na fogueira. Nesta altura as crenças sobrenaturais eram transformadas em objetos de terror real colocando a população em histeria. Enquanto o divino é considerado o racional e explicável, o diabólico é impulsionado pela ignorância, loucura e fanatismo.

Lovecraft (1987) citado em Miguel, afirma que a “emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga do medo é o medo do desconhecido.”

Voltando ao pensamento de Freud (2010), segundo este, para Schelling é do *Heimlich*, familiar, o que vem a ser *Unheimlich*, o não-familiar e o que deveria ter-se mantido oculto. *Unheimlich* tem um significado ambíguo coincidindo com o seu oposto, é uma espécie de *Heimlich* sendo *Heimisch* (oculto-familiar), algo conhecido no passado e que foi reprimido. Para Freud existe uma incerteza intelectual quando o objeto ou situação perturbadora têm uma conotação familiar e estranha ao mesmo tempo.

“Der Sandmann” referido por Freud, conta a história de uma boneca aparentemente viva, onde para Freud o conceito de *Unheimlich* está presente no sentimento de dúvida em relação à realidade humana presente, estando perante a incerteza de uma realidade viva ou realidade de objeto inanimado.

Revê-se um sentimento de *Unheimlich* no caso pessoal ao observar a obra de arte concebida por mim como uma realidade viva, onde a junção de entidades intrínsecas criam uma nova personalidade, existindo neste fazer artístico uma inquietante fixação pela sua realidade devido à ligação que tem com o meu ser embora seja uma conferência de vida pela subjetividade. Duvidar da realidade da obra seria duvidar de mim mesma, podendo estar aqui envolvido um medo da morte ou castração da forma de ser pessoal. É

necessário crer-me como real, tendo a obra como reconhecimento da minha veracidade, para a aceitação própria e do outro em mim e de exteriores de mim.

A busca pelo reconhecimento pessoal leva à questão do duplo, estando nele presente um *Unheimlich* segundo Freud. Para este o duplo é um sócio, uma criação de um outro que é um eu, que se assemelha nas vivências, sabedoria e sentimentos, onde ambos se confundem despoletando dúvidas em relação a si mesmo ou colocando o outro eu no seu lugar.

Para Otto Rank, referido por Freud, ao se deparar com o duplo faz-se uma reflexão sobre o conhecimento próprio, uma auto-observação e autocritica, havendo uma objetificação do eu tornando-se este um outro, um outro eu. Desta forma existe no eu outro eu que julga, formando-se um olhar que vislumbra algo familiar mas que causa estranheza. Nesta observação o eu depara-se com o inconsciente que lhe pertence que é também ele próprio mas que demonstra uma dualidade entre o eu que pensava que era e o que ousou conhecer.

Para Rank o duplo pode ser encontrado numa sombra, num reflexo, num espírito protetor ou num gêmeo. Este afirma que o duplo é criado no seu início com uma fuga ao desaparecimento do eu, crendo-se este imortal pela existência de uma alma que permanece após a morte do corpo, sendo esta um desdobramento de si, conservando a existência do eu. Este duplo é criado como defesa, é um símbolo de imortalidade espiritual, no intuito de entender a morte na fatalidade de não conseguir suprimir, existindo uma duplicidade que liga o eu terreno ao eu espiritual. Contrariamente a esta necessidade de fuga da morte, está a cultura do antigo Egito ao constituir uma imagem duradoura de um morto, onde o eu permanece como duplo, mas com uma função pós-morte não havendo desta forma necessidade de garantir a sobrevivência, estando aqui implícito um narcisismo.

Segundo França (2009) na análise ao conto William Wilson de Edgar Allan Poe o duplo pode ser apresentado: em forma de sombra, não fazendo parte do indivíduo mas acompanhando-o; de retrato, onde se apresenta um fragmento de uma imagem exterior ao ser humano, sendo ele próprio; de reflexo, onde o duplo habita o mesmo espaço do sujeito; de sono em que o eu se apresenta de outra forma e prossegue a obra da existência. França entende que o duplo é percebido como sendo outra coisa, não como sendo o próprio eu, não se afirmando a si mesmo como duplo, não tendo este o mesmo

estatuto que o eu, tendo apenas o valor que o seu modelo lhe fornece. Para este o duplo está na autoconsciência do sujeito, no desdobramento de imagens do eu onde se revelam semelhanças e diferenças, reconhecendo aspetos que eram desconhecidos do seu próprio caráter, podendo esse reconhecimento revelar uma finitude da existência humana fazendo surgir o medo.

Para Meireles segundo Bittencourt (2010) o duplo consiste na copresença de mais de um ser dentro do mesmo indivíduo, havendo duas entidades na mesma vida.

Para Jung segundo Bittencourt, existe uma relação do eu com um outro eu, onde o ser consiste na união de contradições e complementaridades oriundas de ambos. Esta relação encontra-se na sequência da necessidade de reconhecimento próprio e observação da identidade que forma o ser. Para tal é estabelecido um diálogo interno, incitando a um desdobramento da personalidade das personagens intrínsecas ao ser. Em consequência são estabelecidas dualidades e divergências, ocorrendo uma cisão que poderá levar à individualização e vida própria do outro, ocorrendo uma duplicação do sujeito, uma fragmentação do eu formando mais um. Segundo Bravo, referido por Bittencourt, quando o outro se individualiza já não contém a mesma essência, sendo um ser exterior, idêntico ou diferente, podendo chegar a ser o inverso do eu. Estabelece-se deste modo um paradoxo entre o ser interior e exterior ao mesmo tempo, sendo concomitantemente contraditório e complementar. Este reconhecimento pode levar a extremismos emocionais tanto de deslumbramento como de abominação pelo outro eu, para Kepler, segundo Bittencourt, esta situação pode ainda levar a uma crise de identidade ou a um conflito interior. Segundo Bittencourt esta experiência pode tornar-se inquietante na medida em que surge um desequilíbrio nas emoções quando o indivíduo descobre como é, incitando à divisão da personalidade pessoal.

Para Jung, segundo Bittencourt, no processo de individualização há um alinhamento do consciente e do inconsciente que se constitui através dos símbolos que ambos reconhecem. O sujeito não tem um conhecimento completo da sua psique ou de tudo o que lhe acontece nem dos outros ao seu redor, mas estes existem, tal como o “pensar” existe antes da tomada de consciência de que se pensa. Cabe ao sujeito a decisão de conhecer e interagir com o seu lado escondido, visto que a disparidade entre o consciente e o inconsciente influenciam o desenvolvimento psicológico, colocando a dúvida sobre o que realmente é e o seu desejo de ser.

Estas dualidades podem ser superadas para Meireles, segundo Bittencourt, e para tal deve existir um diálogo entre o eu exterior e o eu interior de forma a encontrar o seu

eu real como sujeito completo, compreendendo-se, sendo uma unidade que contempla o consciente e o inconsciente reconhecidos. Uma superação que será verdadeira se houver consciência da ocorrência da introspecção. Este refere que esta investigação sobre o segundo “eu” pode trazer angústia e sofrimento, pois leva o sujeito a rever os seus ideais e padrões predeterminados social e individualmente. Afirma ainda que para que haja uma totalidade, um eu não pode ser oprimido pelo outro eu, pois surgirão emoções dúbias que levam à fragmentação do eu, como é o caso do duplo que se torna num indivíduo exterior, podendo despontar consequências emocionais, sugerindo que o sujeito deve encontrar-se a si mesmo numa nova ideia sendo um ser absoluto nas suas concepções e sentimentos, fugindo da vida exterior para se conseguir descobrir em si.

Para Rank (2014) as transformações que ocorrem no eu e a observação do próprio sobre essas transformações abre portas a um pensamento de individualidade sobre cada mudança, como se se tratasse de diferentes pessoas que se desprendem do eu próprio de forma corporal, “ como uma criança do corpo da mãe”.

Lacan segundo Seganfredo & Chatelard (2014) fala do reconhecimento pessoal utilizando o termo *Extimité*, sendo este referente a algo interior ao sujeito, mas não reconhecido por este como tal, sendo-lhe algo exterior, que se revela fora de si. Esse algo “das ding” de Lacan, segundo Freud, faz parte da constituição identitária e torna o indivíduo tenso e apreensivo em relação ao seu ser. Dolar citado em Silva C. M. (2015), refere que a extimidade não se refere nem ao exterior nem ao interior, sendo íntimo e estranho simultaneamente, um composto de alteridades entre o secreto e o já conhecido revelando o *Unheimlich*.

Segundo Mattos (2005) a questão do duplo pode ser encontrada no conto sobre Frankenstein, estando presente uma alteridade, um duplo antagónico criado a partir de cadáveres, gerando desta forma dualidades que se opõem ao princípio da lógica da não-contradição em que algo não pode ser e não ser ao mesmo tempo, neste caso dois seres ou mais que disputam o mesmo tempo e o mesmo espaço, revelando-se assim um homem de constituição híbrida. Este ser que foi construído e elevado à condição de ser vivo devido à subjetividade do seu criador que se transfere para esta criatura, projetando-se nela, estando aqui implícito o facto de a criatura ter tomado o nome do seu criador.

Segundo este para os românticos alemães o duplo atômato simboliza a “degeneração do humano”. Para o cristianismo o “monstro” está abaixo do humano na escala do ser.

Segundo Mattos a tomada de consciência de Frankenstein sobre a sua criação encaminha-o para a destruição desse “demónio” ameaçador que criou a partir de uma transgressão. Desta forma cultiva-se um sentimento de estranheza devido à perda de distinção entre a imaginação e a realidade do que é diferente, daquilo que provoca medo, visto que o diferente aterroriza a sociedade, lembrando-a da mortalidade humana, o que instiga à existência de um sentimento inquietante ao encarar a diferença. Este sentimento está implícito também na própria personagem que foi criada, pois esta depara-se com uma imagem no seu reflexo que não reconhece de si, encontrando também essa divergência no resto da modernidade que o rejeita.

Pereira (2010) revela que a busca do conhecimento pessoal, da própria identidade, causa uma cisão na mesma, gerando-se um duplo. Esta identidade é fragmentária resultando num desejo de completude e definição, revelando-se este uma aspiração humana.

Este afirma ainda que o duplo pode ser considerado intrinsecamente onde o eu o identifica com características positivas ou negativas, e também extrinsecamente onde o duplo pode surgir num lugar exterior ao eu, onde cada indivíduo identifica o outro como cópia de si mesmo. Para este a cisão do eu interior, a fragmentação de personalidade na questão da identidade vai além dos limites entre o real e o imaginário, pois é excluída a ilusão humana da verdade única e absoluta da existência de um único eu revelado pelo conhecimento do duplo.

Na obra existe uma persistente procura pelo reconhecimento pessoal, o desdobramento do eu é representado na obra plástica, bem como nos poemas desenvolvidos para a descoberta pessoal. Esta busca surgiu da observação pessoal de variadas ações irreconhecíveis para o meu ser. Ousar olhar-me com uma maior profundidade, pondo em dúvida o ser que pensava ser, levou a uma fragmentação do meu íntimo de forma a conhecer pormenorizadamente cada pedaço de mim. Escolheu-se tratá-los como individualidades para que se julgassem entidades com essências diversificadas, de modo a se emanciparem e quererem unir-se novamente de forma sábia, conhecendo-se uns aos outros, aceitando-se e necessitando uns dos outros. Desta forma unem-se, criando uma nova entidade, completa e única.

Na obra são enaltecidas as entidades que estranhavam no momento do seu aparecimento, que logo se enchem de metáforas tranquilizadoras, que se regem por fatos, imagens familiares tornando a diversidade descoberta menos perturbante. Embora haja uma habituação do meu eu ao inconsciente (criatividade e subjetividade), este não deixa de ser inspirador e deslumbrante pois ocultará sempre algo, e é isso que o torna apetecível. Com o emaranhado de pensamentos poderá haver uma confusão entre o eu consciente e o inconsciente, pois ambos tornam-se um só, alterando-se mediante a forma como se olha as suas realidades e o olhar da realidade que os observa. A obra prende-se então com o conhecimento de uma nova realidade que é ainda apenas estranha, havendo uma tendência para o seu enaltecimento e não para a sua destruição.

Voltando ao estudo do final do primeiro capítulo “O *Background* do Artista” sobre a importância dada à figura humana que vem trazer algo de familiar ao observador da obra de arte e tranquilizar o pensamento de criação pessoal, tornando o *Unheimlich* num *heimlich*.

Oskar Schlemmer, referido por Mariano (2017), diz que o novo meio artístico é um meio muito mais direto: é o corpo humano.

Freud, segundo Mariano, fala-nos que o corpo também é pintura, um suporte de concepção pictórica, onde o que se destrói é a forma passiva de o olhar. Marcel Duchamp eliminava imagens, acabando por construir novas, formulando outra hipótese de imagens, fazendo uma eliminação visual do que é a matéria. As imagens são intensificadas enquanto conceito e enquanto objeto fazendo trocadilhos, apagando e eliminando pré-conceitos, destruindo a forma passiva de olhar cada objeto, agindo para além da dimensão estética estabelecida.

A ideia de criação de uma nova realidade a partir de um objeto pré-concebido faz-me questionar sobre a forma dinâmica de observar cada “realidade” e as ilações que cada um retira aquando de uma interação, seja com o que lhe for familiar ou com o que lhe for estranho... Questiona-se assim a forma de ver a realidade e as crenças que se constroem a partir da forma como a encaramos.

Segundo Mariano na observação do corpo existe particularmente um prazer sexual que advém da observação de órgãos ou atos sexuais. O olhar observa e identifica-se com o que o fascina ou agrada, existindo assim uma identificação sexual e consequentemente o ser humano passa a agir de forma empática, onde identifica o outro com ele próprio, eliminando tudo aquilo que lhe é estranho, dirigindo a sua atenção apenas para o que lhe interessa.

A figura humana foca o espetador, conduz e cria uma ligação familiar com o público. Este relaciona-se com a imagem, com as formas sexuais que o intimidam ao ser controlado por essa conotação inevitável. A presença humana conforta e gera uma atração visual simultaneamente identitária. Mesmo repleto de floreios e metáforas que possam tornar a obra uma fantasia, haverá sempre algo que manterá o sujeito a observar com normalidade. A referência sexual puxa a atenção para si por ser algo similar ao espetador, que não se deixa estranhar pelo que o rodeia.

Existe na obra pessoal uma conotação de estranheza que é atenuada pela presença da figura humana. São feitos jogos de imagens e conceitos entre as formas humanas e formas abstratas relacionadas com o alter-ego e os outros que me constituem, criando um novo ser a partir das dualidades conscientes e do inconsciente, formando uma identidade só.

Nesta é explorado o corpo humano, enaltecendo órgãos sexuais que se envolvem muitas vezes com características de outros objetos, dando abertura para uma nova imagem, onde as características essenciais de cada objeto são representadas, mas que juntamente com outras deixam de ter o seu significado inicial, dando lugar a outra “coisa”...

Parte 2. Criar a Partir do Ser

Eu Sou Das Cores Que Eu Quiser...

Eu sou um constante parir. Altero o meu
ser não deixando de ser o que sou.

Posso-me formar com uma variedade
imensa de líquidos e membranas, o meu
modelo sou eu confundida com o resto
do mundo que me rodeia. Sou água e
carne, azeite e limão. O azul sente-se
nos meus ouvidos que cheiram o
orvalho.

Sapos cortariam a minha boca se eu não
falasse com os olhos.

Desposo as minhas entranhas, fazes-me
o vento que inalas pelas veias despidas.
O coração bate e geme com as tuas idas
e vindas. Escorres-me por entre a
língua.

Corpo nu na tela. Envolvem-se entre os
pincéis. Tecido que se entranha e cola
no céu-da-boca que cospe cores.

O silêncio é interrompido por orgasmos
que transparecem a dor de viver.

Deglutição de cabelos e dentes entre um
banquete de amor. Sou eu, és tu. União
de leite pastoso. Vermelhidão e
purpurinas gastas, sou um ser completo
de vaidade de te ser, de me seres.

Procuro a minha identidade contigo,
contigo.

Denuncio as fraquezas, os medos e os
desejos. Elevo o amor, compreendo-o
na minha realidade de dois seres.

Inseparáveis...

Os seres envolvem-se perfuram-se pela
garganta, esvaem-se pela vagina e
entram no seu oposto. Ele, o pénis, está
próximo e revela-me o que sou. Dão-se
pelo seu muco, fazem-se crescer juntos.
Esforços que darão à luz o novo cálice
de dedicação. Frutifica-me, cresce,
recolhe para mim a ereção. Façamos o
desejo de conceção.

Eu sou um cogumelo.

A humidade elucida-me, sem ela eu não
existo, seco, perco a cor, obscureço-me,
ficarei sem sombra, sem ar.

Luz que me dá hidratação, calor que
escurece o chão por debaixo de mim
que palpo com os olhos. Esta posso ser
eu se quiser, se ele quiser.

Capítulo 1. Metáforas na Visão para o Interior Pessoal – Autorretrato, Androginia e Surrealismo

Cores, Formas, Seres, Opostos Que Me Revelam

De metáforas que consumo. De perna
faço pénis, de pénis faço cogumelo, de
cogumelo faço ovo, de ovo faço barriga,
de barriga faço vagina.

Pinto a partir das formas, desenho
depois das manchas, ilustro consoante
os opostos, narro conforme o ser.

Desenvolvo-me em sequência, num
ciclo viciado por novos inícios fazendo
da vagina uma passagem para uma
perna.

Fecundo-me a mim mesma, nascendo, e
engulo-me de novo.

Passar por vários corpos...

Pensando que ainda sou um
cogumelo...

Voltando a mim...

Saindo... querendo sair...

Tanto sou um parasita como um
sapróbio.

As metáforas são o elemento principal da obra plástica “Eu sou um cogumelo, um cogumelo leão!” uma das expressões que utilizo em reflexões literárias que impulsionam a obra plástica. Fazem-se transposições do ser para outros seres vivos, objetos ou fantasias, onde se enaltecem as estranhas comparações, destroem-se significados de palavras e imagens pré-concebidos, juntando realidades distantes, formando novas realidades. São enaltecidas particularidades de um conceito que em conjunto com outros são encaradas e entendidas de forma diferente.

Existem conceitos que se destacam, tais como; o amor, direcionado para a androginia e a fecundidade que remetem para uma conotação sexual visível nas obras. Ambos os conceitos estão ligados ao impulso de criação tendo já por si implícito o início da vida, impulso para a criação natural.

O termo “Androginia”, é referido por Aristófanes no livro “O Banquete” de Platão (2017). Aristófanes tentando explicar o significado de amor recorre ao mito que envolve três classes de pessoas: a que engloba a junção de dois machos no mesmo ser, Andros; outra que engloba a junção de duas fêmeas num só ser, Gynos; e a terceira que junta um macho e uma fêmea no mesmo ser, o Androgynos. Estes gêneros poderosos foram castigados por Zeus por conspirarem contra os deuses e tentarem atacá-los. Zeus castiga-os cortando-os ao meio, com esta separação as metades cortadas buscam pela sua outra metade, Andros que se buscam, sendo ambos machos, Gynos procuram a sua metade ambas fêmeas e Androgynos machos procurando as suas fêmeas e vice-versa. Na falta da sua metade são obrigados a buscar uma outra sobrevivente para se juntar, seja ela feminina ou masculina, fazendo desaparecer a raça que antes existia. Para Aristófanes não há felicidade completa enquanto as metades não se encontrarem.

Segundo Flores (2014) a Androginia encontra-se entre as características da perfeição espiritual para o Evangelho de João. Na ideia da Bissexualidade Universal o modelo e o princípio de toda a existência é uma ideia que advém da existência de bissexualidade divina, existindo a ideia de perfeição numa Unidade-Totalidade. No renascimento fala-se de Androginia primordial para os alquimistas e da perda da androginia onde existe uma nostalgia que só poderá ser restaurada pela reintegração da harmonia original para a tradição cabalística. Para Luterano Boehme Adão era andrógino e o aparecimento de ambos os sexos foi uma consequência da queda. Swedenborg acredita que a androginia é uma semelhança com os anjos marcando o

início e o fim dos tempos onde o homem voltará à androginia. Para os românticos alemães a androginia seria o homem perfeito do futuro. Ritter dizia que o homem do futuro seria andrógino como Cristo. Eva é um exemplo da criação pelo homem sem a ajuda da mulher e Cristo pela mulher sem a ajuda do homem. Friedrich Schegel criticava o realce dos caracteres exclusivamente femininos ou masculinos promovidos pela educação e costumes, apoiando que deve haver uma reintegração progressiva de ambos até à obtenção da androginia. Entenda-se que ao referir o homem este não significa ser humano, mas o masculino, onde este já seria total, subordinando o sexo feminino, buscando uma completude interna.

O andrógino “ [...] no designa ni una simple ausência de sexo ni un hermafroditismo, sino que constituye una síntesis original de los principios activo e passivo.” Fraz Von Baader citado em Flores (2014)

Claude Cahun que fez parte do movimento surrealista, chegando a trabalhar juntamente com André Breton, remete o seu trabalho para uma nova conceção de género, explorando o tema da androginia, elaborando maioritariamente retratos e autorretratos através da fotografia, onde conta com a participação da sua companheira de vida. Claude Cahun é um pseudónimo de Lucy Renee Mathilde Schwob; este é um nome ambíguo tal como o pseudónimo da sua companheira Marcel Moore, sendo Suzanne Malherbe o seu nome de nascimento. Cahun elabora uma obra autobiográfica com uma poética ligada à sua vida, onde discute a sua própria sexualidade na construção da sua obra, transformando a sua imagem em várias possibilidades interpretativas. O termo Androginia para Cahun espelhava o que ela vivia na sua própria identidade relacionada com a extinção da dualidade de géneros. A artista buscava pela autonomia e libertação de uma identidade sexual e uma identidade que refletisse os seus pensamentos intelectuais e pessoais, fazendo a junção do artista com a pessoa, transpassando a sua obra para a sua vida. Na sua



Figura 1: Claude Cahun, Self portrait (with shaved head), 1920, fotografia, 21 x 12.4 cm, Jersey Heritage Collections

obra a artista nunca aparece nua para que as distinções anatómicas entre sexos não fossem

expostas por parâmetros sexuais, representando um corpo mais social e menos físico, enaltecendo uma liberdade geral de comportamento havendo uma neutralidade de forma a escapar a gêneros, à identidade sexual. The Art Story Foundation., Claude Cahun (2018); Ferro (2015); BBC (2018)

Segundo AnOther (2018) Marcel Duchamp usava o nome Rrose Sélavy como um dos seus pseudônimos sendo este o seu alter-ego feminino e uma tradição da androginia. Esta personagem aparece pela primeira vez em 1921 nas séries fotográficas de Man Ray apresentando Duchamp vestido de mulher. O nome Rrose Sélavy fazia um trocadilho com um ditado francês “Eros, c’est la vie”. Uma personagem que aparece sob vários disfarces e autora de vários escritos e do filme “Cinema anêmico”.

Este artista já tinha representado o assunto da androginia ao refazer a obra Mona Lisa como homem, desenhando-lhe um bigode e uma barba. Este procurava ideias sobre a identidade e autorrepresentação, principalmente nos seus retratos.

Duchamp, autor do duplo sentido, que não acreditava em arte mas sim em artistas, comparou palavras com seixos gastos, optando pela transformação de expressões cotidianas em trocadilhos, fazendo um jogo de palavras.



Figura 2: Rrose Sélavy (Marcel Duchamp), 1920, Man Ray Trust/ADAGP, Paris and DACS, London 2015

Na obra pessoal fazem-se também criações a partir de opostos. Utilizam-se metáforas que se revelam nomeadamente na mistura da realidade do corpo humano com a realidade de um alter-ego baseado nas formas e características de um outro ser vivo, o cogumelo. O cogumelo existe num sentido figurado, entrelaçando a sua composição e características

com estados psicológicos pessoais, metamorfoseando a anatomia do cogumelo com a do ser humano, levando à criação de um novo ser e uma nova realidade, que abrange não só uma forma física como também estados emocionais gerados através de fantasias, medos e sonhos que afetam cada momento de concepção da obra.

Sobre a criação de um novo ser destaca-se a obra de Hans Bellmer, que ao trabalhar os temas do amor e do sexo, tenta fazer uma união do eu com o outro, elaborando os seus desenhos de forma a ver com as mãos, escutar com a boca, afirmando que um pé de uma mulher só será real se o desejo não o tomar fatalmente por um pé. O artista mostra-se do avesso, esticando peles e furando para chegar ao seu interior, criando uma reciprocidade entre o eu e o outro, entre a parte de dentro e a de fora, entre emoção e imagem, desejando uma combinação de identidades, um hermafroditismo no caso do amor, onde ambos se tornam um.



Figura 3: Hans Bellmer, Untitled (Phallus Girl), 1964

Voltando à minha obra pessoal, esta compõe maioritariamente pinturas realizadas no seu início a partir da elaboração de textos que se assemelham a um diário escrito de uma forma automática. Estes, provavelmente, inicialmente serviam como uma terapia ou desintoxicação momentânea, que logo se começaram a refletir nas pinturas. Agora em simultâneo fazem surgir novas ilações sobre as metáforas criadas a partir de palavras, formas e cores. Crescendo assim mutuamente duas manifestações.

Esta forma de criar aproxima a minha obra plástica dos conceitos do surrealismo onde as realidades são tornadas maravilhosas e as estranhezas enaltecidas.

“Eu acho que se é surrealista, não é porque se pinta uma ave ou um porco de pernas para o ar. É-se surrealista porque se é surrealista!”

Mário Cesariny citado em Mariano (2017:44)

O Surrealismo, nome dado em homenagem a Guillaume Apollinaire, é definido como automatismo psíquico podendo ser manifestado verbalmente, por escrito, etc. Este transmite o funcionamento do pensamento, afastando-se da razão, preocupações morais ou estéticas. A lógica, (o racional), o moral, (tabus sexuais e sociais), o gosto, (regido pelo de “Bom tom”) eram considerados entraves ao surrealismo. Valorizava-se o sonho como uma onipotência e a despreocupação no mecanismo do pensamento. Breton, Manifesto do Surrealismo, (1993), Breton, Entrevistas, (1952)

O manifesto do Surrealismo de André Breton surge em 1924, havendo já anteriormente representações surrealistas, ingênuas, em algumas obras.

Breton na leitura de Entrevistas (1952) explica que o manifesto fixava uma evolução espiritual, e que não foi bem interpretado a nível das experiências que envolviam hipnotismo e escrita automática, devido à sua contribuição ser de difícil circunscrição, havendo uma grande margem de oscilação e incerteza, tendo a necessidade de impor limites apesar da existência de atas sobre as sessões de hipnotismo. Segundo este os artistas surrealistas tinham a intenção de fugir a opressões de pensamento vigiado e do peso do espírito crítico sobre os meios de expressão, tencionando ainda destruí-lo através do enaltecimento do maravilhoso.

“(...) o maravilhoso é sempre belo, qualquer tipo de maravilhoso é belo, somente o maravilhoso é belo. [...] O maravilhoso varia de época para época; ele participa, misteriosamente, de uma espécie de revelação geral de que só nos chegam pormenores (...)” Breton (2001:28,30)

Segundo Neto (2011), Álvaro Cardoso Gomes afirma que a estética do surrealismo é marcada pelos excessos, aumentando o potencial psíquico dos homens, e Manoel de Barros diz ainda que o surrealismo é um princípio do maravilhoso, afirmando que criar é violar a linguagem, despedaçá-la, desfigurá-la, focando-se na sua obra sobre o extraordinário dos objetos do quotidiano, deformando-os com metáforas

ousadas e ilógicas. Esta explora os mistérios irracionais, diz o indizível, conjuga realidades distantes, quanto mais distante uma realidade é da outra mais rica a imagem se torna, não importando o significado que as coisas têm mas o comportamento que vamos inventar para elas, fazendo um desvio da finalidade de cada conceito.

“The Surrealists saw themselves as love revolutionaries.” Hazel Dokin (2012) citado em Mariano (2017) Esta citação revela a dimensão do romanticismo no surrealismo, onde se une a representação física ao subconsciente.

Segundo Mariano (2017) para os surrealistas o racional era um repressor da imaginação. O surrealismo vem dar-nos uma nova visão sobre a criação e interpretação, sendo uma composição de cenas irracionais, uma imposição de realidades contraditórias, com elementos que podem surpreender, desafiando os limites da compreensão, fazendo distinção do pequeno limite entre a realidade e a loucura, celebrando emoções, admirando e venerando o sublime nos lados mais obscuros da mente humana. O surrealismo questiona crenças naturais e a posição vulnerável do ser humano quando encarado com uma realidade incomum de difícil compreensão e domínio. Este desperta o subconsciente e novos limites da imaginação, oferece conforto na realidade individual de cada um, sem quaisquer críticas ou modelos, tabus ou passividades, aniquilando cânones e princípios e encorajando à aceitação do pensamento individualista.

Segundo Mariano (2017) o que surge na mente de um é impossível que exista da mesma forma na mente de outro, sendo impossível caracterizar o processo utilizado na obra por cada artista, pois cada um tem a sua forma única de trabalhar em cada obra, sendo cada uma representada de forma independente, não podendo ser repetida através de um processo esquematizado. Este refere o automatismo utilizado no surrealismo como sendo uma técnica que separa o comportamento do homem da consciência da sua ação, desencadeando vários dinamismos ligados ao subconsciente, libertando o que é reprimido da sua personalidade, onde a maioria dessas revelações do subconsciente surgem nos sonhos. Este automatismo torna-se um bem existencialista, importante para a sobrevivência do artista e para a sua identidade, que se constrói a partir do que a rodeia, incluindo os gostos, os sonhos, as vontades e os desejos.

Para Flores (2014) o surrealismo chama à atenção para o que foi reprimido como o erótico, a magia, o mito, o inconsciente, questionando a realidade e a forma pela qual ela era normalmente representada.

Vejam os como exemplo o caso do artista Max Ernst, que explorava a sua criatividade e a sua psique elaborando pinturas, onde desencadeava as suas emoções primitivas, revelando os seus traumas pessoais, interessando-se pelo estudo da arte dos doentes mentais, tentando compreender as emoções primordiais e a criatividade impulsiva.

Ernst é considerado um artista chocante, inovador e provocador ao invocar visões alucinatórias, inspirando-se em romances e situações da sua vida pessoal, criando ilusões, que o ajudam a curar os seus problemas pessoais e traumas de infância e da guerra pela qual passou.

Este elabora pinturas e colagens automáticas, componente do surrealismo, sobre o inconsciente, onde utiliza imagens de sonhos e elementos da vida pessoal, fazendo combinações irracionais de imagens, desprezando convenções sociais que para ele eram consideradas irracionais.

Ernst tinha um fascínio por pássaros, como se pode ver nas suas obras, estes são uma extensão de si mesmo, um ser com características de ave e de humano. O pássaro é o seu alter-ego a que chama *Loplop*, (fig.4). NG (2018); The Art Story Foundation., Max Ernst (2018); The Solomon Foundation (2018)

Algumas das suas obras têm um caráter erótico que poderá ter sido influenciado por algumas relações amorosas que tenha tido, como por exemplo: *The Kiss*, de 1927, (fig.5). N G (2018)



Figura 4:Max Ernst, Página de *Une Semaine de Bonté*, 1934



Figura 5: Max Ernst, *The Kiss*, 1927. Óleo sobre tela, 129 x 161.2 cm. Coleção Guggenheim, Veneza

Parte 3.O fruto do Ser

Sou Como Sou Na Minha Verdade De Me Ver...

Procurando-me na minha identidade,
para a construir harmoniosamente de
grandezas e decalques. Jaz aqui a
memória que me conserta e redesenhará
o meu presente de ilusões. Ilusionismos
verdadeiros no meu ser que me
competem na criatividade e fantasiam a
pessoalidade.

De ser gigante aos meus olhos, rejúbilos
de semente, véus de chuva e paprica.
Receita sem fim da jovialidade, de
primeira aparição. Contentas-me com
perseguições esvoaçantes, perigo
eminente de concepção.

Ajudo-te a nascer, puxo-te por um fio
que se entrelaça para uma nova manta.

Os organismos interiores fazem-se
crescer mutuamente, desenvolvem-se no
seio familiar, no colo do desconhecido e
saem por todas as fissuras.

Abraçar-te é viver-te, pintas-me os
olhos, refletes-te abrilhantada.

Inversão de ser, regeneração de
pensamento interior, voltando a si.

Despertando novas aprendizagens do
reconhecimento à culpa. Constante
aprovação do próprio ser para
começar como sempre.

Uma música desperta cada
predestinação.

Um respirar que acorda as pedras, um
ser sem vida na sua primeira impressão,
mas crença na sua realidade de ser vivo.

Serás, serei visivelmente natural,
orgânico, narrativo no seu interior. Ele,
eu. Um mais que outro por vezes. Nós.

Envolvência sentimental, lógica e
criativa de opostos amantes. Sem
controlo e direcionados.

Formas soltas, dispersas, com vida
própria, vida delineada na memória,
incerta no futuro. Objetivo assente,
vislumbre pelo acaso, pelo
desconhecido que será amado
certamente.

Uma impressão diária, momentânea, de
instante, anual. Disparidade de
pensamento, diversidade de conceitos,
variedade de cérebros. Reprodução
através da mente, do ser diferente. Doze
dias são um ano. Podia ser uma
representação dividida em cenas, mas é
recorrente, infinito, um ciclo de
construção de identidade, ano após ano,
numa dimensão em que tudo é
demasiado rápido e dura apenas doze
dias para mergulhar no interior.

Envolver-me em mim, cansar-me de
mim, trair-me e culpar-me decidindo
voltar a mim, havendo uma

reconciliação com o eu, que precisa de
voltar novamente ao seu
reconhecimento, sentir-se incorporando
e criar novamente, utilizando as
aprendizagens no ano anterior e
acrescentar novas, uma infinidade de
respostas que escassearão quando
perecer.

Volto-me para mim e não encontro nada
de estranho, de irreal. Espalho-me por
aí, envolvo o meu redor, onnipresente

no meu meio, fiel a mim quando for
dois.

Sendo um completo de variedades e
incertezas de tão certo seres.

Resvala-te para mim.

Individual cheio da tua presença e de
quem quiser entrar, mesmo sem querer.
Ser vivo que sabe ser o que é.

Capítulo 1. A Obra

Sou um Renascimento por Invaginação

Da invaginação que te forma. Olhas-me
para ti.
Com os teus cabelos e a humidade do outro
cheirando o suor da mãe cansada com os
olhos pruridos, saem das mãos a
resistência, a enfermidade e a coragem.
Gritos de prazer e raiva são dele, que me
fazem histérica de necessidade de si.
Testosterona e morfina apagam o ridículo,
pigmentos de maçã e cereja.

Vigiam-se, cuidam-me e massacram-me
formando-se um comigo numa respiração
ofegante.
Paro de respirar, sangram-me os ouvidos,
gestos ansiosos riscam uma parede pálida e
intocável. Anseio-te. Desejo em mim. És
um estando só. Renasce em mim. Estando
presente mesmo sem te ver. Procuro e
encontro o que sou de ti, dos outros.
Ainda oculto nos meus olhos fazias-te já
surgir nas minhas mãos.

A obra foi pensada desde o seu início para ser formada a partir de eventos e experiências ao longo da sua concepção, o escrever sobre ela acontece na obra ao mesmo tempo, como uma reafirmação. Esta obra, maioritariamente pinturas, acontece espontaneamente, pinturas estas de grande porte que demonstram a temporalidade que as forma através das diversas técnicas utilizadas no mesmo espaço. O fazer artístico passa então pela escrita, tanto teórica como poética. A última vai delinear espontaneamente o caminho a seguir, pois é a forma mais rápida e direta de interagir com o eu interior a cada segundo de escrita de uma palavra acompanhando eficazmente o “raciocínio” do inconsciente. Frases soltas, palavras que surgem repentinamente, ideias e conceitos que surgem mais maduros a cada instante, situações momentâneas que merecem ser lembradas, memórias ou sonhos relembrados, descobrindo o que ficou no passado. Formam-se inquietações e resoluções de problemas recorrentes através do simples pensamento e exposição no papel. Os poemas querem-se criados manualmente com o riscar de uma grafite, lápis de cor, caneta ou marcador, estabelecendo uma hierarquia mediante a importância de cada pensamento. Estes pensamentos são compostos e formam poemas que muitas vezes são escritos na íntegra de forma espontânea, sem qualquer pausa, não fazendo qualquer alteração no final, mantendo-os tal como surgiram. As pinturas são elaboradas ouvindo muitas vezes a gravação dos poemas escritos, criando uma relação maior entre ambas, onde os pensamentos do dito nos poemas se completa com a pintura feita num momento posterior à realização destes, que mostrará e assinalará a continuidade do pensamento fazendo surgir novos poemas.

As pinturas e os poemas revelam o interior pessoal, uma criação de um ser novo, que surge da junção de personalidades interiores e alter-egos.

Nas pinturas são visíveis as formas orgânicas, o que aproxima a obra de formas naturais e viscerais. Nas cores predominam o preto pintura, formado por azul e castanho, bem como os beges e os rosas. Cada fragmento seu é caracterizado pelos movimentos do pincel, ou esponja, utilizados de infinitas formas, aproveitando cada traço, mancha ou rasto que possa surgir. Há neste fazer pintura um aproveitar de um erro, de um movimento inesperado, para fazer surgir dele algo não antes pensado. Nestas aparecem formas que se relacionam e assemelham, havendo um aparecimento frequente e repetido de pernas, cabelos ou órgãos sexuais. Tudo parece planeado no início mas depois ganha a sua própria dinâmica, não me pertence mais. Nestas surgem uma composição de um ser com características físicas de ser humano e de cogumelo, mas não sendo nem um nem outro.

Existe nas obras algo que entra e sai de si. Um ser que nasce de si próprio, penetrando-se e expulsando-se, não sendo apenas um ter os dois órgãos genitais e reproduzir-se. Este ser vira-se do avesso, transforma-se e entra na sua genitália e passa-se a ele mesmo para o seu outro órgão sexual, sendo ele a intrasucção, a própria invaginação, um acontecimento ao dobrar-se para dentro, observando-se depois a nascer outro mais maduro.

O outro além de mim é a obra e nela mesma reproduz-se um outro.

A obra observa o artista, eu, e o que está dentro de mim, os outros eus. Sendo a obra algo novo dessa união, dando ela também um pouco de si, porque eu a observo, formando-me, sendo ela eu.

A obra será sempre inconstante e inacabada, continuará sempre a mudar e a dizer algo de si e de mim, fazendo-se e refazendo-se a ela mesma em conjunto com a observação que faz de mim, constituindo-me, havendo uma influência dela sobre mim que também a constrói porque a obra sai de mim.

Um ciclo de experiências que ficam registadas na forma de um novo ser, uma nova obra a cada aprendizagem de si mesma, algo que ela já tinha em si mas não tinha encarado. Surge um novo eu nela mesma que ela já era.

De seguida apresenta-se o processo da obra “Invagino-me em mim”, apresentando algumas das peças que a constituem acompanhadas pelos seus poemas:

A Obra Invagino-me Em Mim

Invaginas-te em mim, permaneces por segundos e logo te expelles fortemente aos poucos.

Da sucção própria, exploração de corpo e de pensamento, dirigindo a sua atenção para dentro de si. Absorção de conhecimento, embebendo-se de dualidades.

Invaginar é uma penetração natural do artista que olha o seu interior, recorrendo a lembranças do seu passado analisando ações e pensamentos. Surge quando o artista questiona a sua existência, quando exige mais de si e se quer descobrir por se achar aquém do que pretende ser.

Invaginação é um foco para si mesmo, é um ato egoísta, é um refúgio. O artista esconde-se dentro de si para se encontrar, aconselha-se consigo mesmo, para responder às suas necessidades. Invaginação é deparar-se com um outro ser dentro de si. Invaginar é sentir-se por dentro, sentir as entranhas que despertam com o toque de algo exterior. É ir à essência. É um orgasmo puxado para dentro e escorraçado para fora expelindo odor e humidade, algo coberto de purpurinas, de crenças, permanecendo por um longo tempo mesmo com a inexistência de invaginação.

A invaginação permite a formação de Células Eucariontes⁵: que são como um aperfeiçoamento de Células procariontes⁶. Moléculas que se ligam a outras e formam maiores. É interminável. Surgindo assim a metáfora sobre este conceito, remetida para aquilo que faço para ser e o que deixo ser, aquilo que sou. Entre o primitivo e o posterior mediante as experiências exteriores geradas pela necessidade heterotrófica⁷.

⁵ Células Eucariontes: Células complexas, com membrana nuclear individualizada e vários tipos de organelas. Existentes na maioria de animais e plantas. As organelas são responsáveis pela produção de características de vida associadas às células. (Fulano, 2018)

⁶ Células Procariontes: Células isentas de membrana originada por invaginação, sem organelas. (Fulano, 2018)

⁷ Heterotrófico: Não possui a capacidade de produzir o seu próprio alimento. (Fulano, 2018)

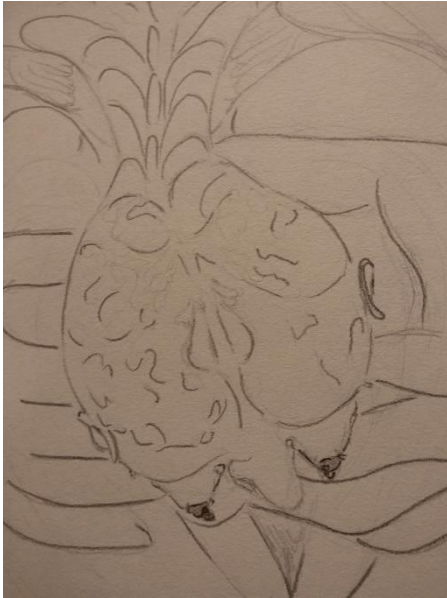


Figura 6: *Reconhecimento*, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 1: Reconhecimento

Como posso fazer um autorretrato sem o que sou?

Sem ti.

Aquilo que eu sou é aquilo que quero continuar a ser de ti. O que tu és é o que eu sou, o que quero ser. Pinto o que é meu e o que é teu. Sacio-me comigo mesma, com parte de ti. Tens a permissão de entrar em mim e ficar até queres, fazes-me brilhar por dentro com as tuas idas e vindas, pois a tua ausência, a tua espera e saudade também me constroem, alimentam esta incubadora

que te digere.

Estou a olhar para o teu surgimento, vejo-te de fora. Fazes de mim gigante, um organismo que rejubila no momento da sua conceção, como um leão que ruge forte pela primeira vez.

Eu não sou transparente se me quiseres ver. Observa como fui feita, o que me fez ser assim. (no meio de gritos).

Células eucariontes dos cogumelos como aquilo que faço para ser e o que deixo ser, uma evolução do meu retrato.

Células pluricelulares⁸ como a variedade que em mim coexiste geneticamente, diversificado nas cores e nas formas.

Um ser heterotrófico nas experiências da vida, que me alimentam e em mim integram evoluindo eucariontes de outras células.

Desdobraste em mim, fazes-me crescer, és um leão. Eu sou um cogumelo (,) Leão (!) (.)

⁸ Células Pluricelulares: que é formado por mais de uma célula. (Fulano, 2018)



Figura 7: *Incorporação*, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 2: Incorporação

Sem ti eu não existo, sem me veres eu não me vejo, preciso dos teus olhos, da tua aprovação para ser.

Eu sou aquilo que eu vejo, entra em mim, invade-me, faz-me chorar, eu sinto.

Viola-me com a tua exigência, entra em mim, consome-me o medo e a ignorância, guarda o melhor de mim, dá-me o que tens de pior, vomita as cores e pinta o sentimento em mim.

Dá-me do teu leite transparente e cheio de purpurinas, amargo e saciante, faz-me renascer, regenerar as sinapses rompidas. Sê um ímã na força de vontade de me possuir. Engulo-te sorrindo.

Desposa-me as entranhas num grito áspero e rugoso, saliente ou irrisório, com relevo nos claros momentos de luz, densidade de tinta.

Pastos verdejantes de suor e mágoas.

Amarelos gritantes de prazer.

Vermelhos sujos de branco com odor a menstruação do micélio. Esporos negros correm em direção à terra, pelo ar e terebentina, uma metade apenas entrou em mim, apenas uma metade de ti, só o que eu quis. Quando quiser serás por inteiro.

Monómeros multipliquem-no para que seja mais de mim.

Nós estamos a brincar comigo. Sei quem tu és, sei quem eu sou, mas não sei quando és nem quando eu sou. Sei que és de mim, mas não sei quando eu sou de ti. Nós brincamos comigo.

Sussurros, sussurros, perfuras-me a garganta, que vontade de te engolir, em fantasias me deleito, conformo-me com a realidade.

Ela está próxima, faço um esforço para que ela não fale, para a esconder.

Consigo!

Embora com uma angústia enorme, vejo que consegui, penso no porquê de lutar para que ela não exista nesse momento. Mas preciso dela.

Aguardo-te.

Agora parece que te aguardo.

Esperarei pela criatividade? Pelo que me fazes sentir? Angustia? Pelo que me fazes escrever?

Pelo que me fazes pensar?

Aguardo o resultado.

Serei eu mesma?

Aguardo a solução.

Aguardo o produto.

És aquilo que me traz mágoa, tristeza, medo e saudade.

Traz-me saudade.

Um fundo negro que me ilumina, me faz querer mais, me faz pensar mais, me faz chegar. Encontrar, elevar e revelar.

Deixo-te ficar em mim, mas não me perturbes. Tira-me o vazio, mas não tires o que está limpo nele, o que ele tem de limpo.

Quero paz, solidão acompanhada.

Pois... hoje nada tenho para escrever... Estarei melhor que ontem? Ou pior? A pessoa de ontem será mais criativa?

Terei maior necessidade de escrever na instabilidade? Quando a angustia e o terror me consome?

Eu realizo, dou conta de ti em mim, estou próxima. Quero chorar. Na vitória eu choro.

Sou a outra, não me reconheço, reconheço-me mais em mim sei qual. Serei mais a de ontem ou a de hoje?

Sou transparente, transformo-me, faz como se eu não estivesse aqui, vê-me por favor.



Figura 8: *Orgasmo*, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 3: Orgasmo

Inspiro sussurros, inspiro-te até ao ânus.

Soltam-se os braços, prendem-se os dedos, os joelhos, paralisam as articulações. Vibra e soltam-se suspiros berrantes. Cãibras nos ouvidos. Só vêes o que queres.

Lambe-me o medo e a loucura. Chupa-me o vermelho e o branco com salpicos de azul.

Arbóreos calmos e triste protegem-me e unem hifas cintilantes.

Dá mais de mim a mim, de mim para mim.

Pincela-me o intestino, escorre nele a tinta ácida e pastosa. Pinceladas de “sentidos” “sentidos”. Cala-te deixa-me deslizar!



Figura 9: *Os Filhos*, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 4: Os Filhos

Húmidos e salgados os beijos que te dou com a ponta do meu dedo pincel.

Hifas unidas, tesouros feitos e outros descobertos, construção e nascimento.

Surgem unos os filhos de uma vida ou duas com pluriexperiências do acaso, de outrem, de outra coisa.

Eu sou duas partes, procuro. As hifas vagueiam em minha busca por mim, suavemente percorrem o espaço, alimentando-se, procriando, duplicando a diversidade do meu íntimo, envolvendo as cores e os fluidos eretos, crescendo ou erradicando-se, sobrepondo-se ao pensamento, emanando-se de ruídos do silêncio, da solidão, de prazer e sedução. Afastando-se da realidade. Criando outra...

Enterrar-te-ei em mim...
Livrar-me daquilo que não faz parte de mim.
Comecei a apagar o meu passado. Destruindo, extinguindo, começando de novo.
Frutifico os intestinos e as trompas, novos sucos crescem. Desdobram-se tecidos dentro de mim. Invagina-te em mim. Cresce.

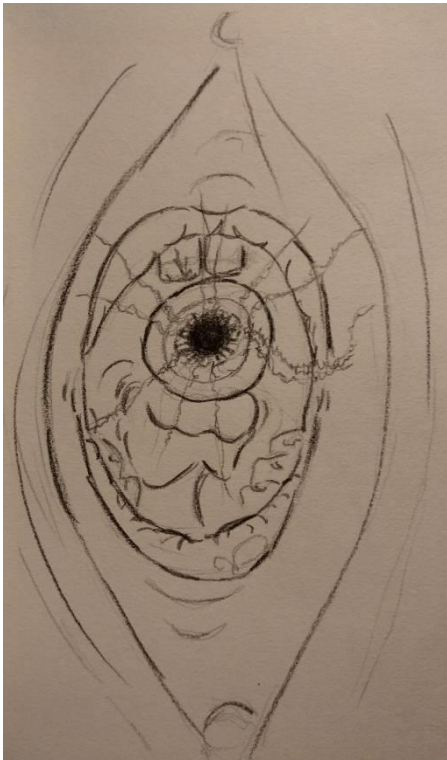


Figura 10: *A Traição da Negação*
(*Irreconhecível*), Grafite sobre papel,
14cmx21,5cm

Dia 5: A Traição Da Negação (Irreconhecível)

Seduzidos pela diferença pelo desconhecido,
ansiando mudança.

Agora queria-te enfiando entre mim as mãos
de ejaculados sorrisos.

Para existir tens de me ver, ouvir e saborear.
Toca-me os cabelos húmidos do teu suor, diz-me
que em mim estás.

Destruo-te em mim, és-me primitivo, és a
minha origem. Destrói-me, só acalmo quando por
disfarce se sacia a vontade. De uma forma
disfarçada onde me disfarço de mim. Me despojo
do que sou em ti.

Porque sinto prazer e angustia. Esta terrível
sensação que me inquieta e me apaixona onde não procuro apenas uma fuga ou um
escape, mas um aclarar de ideias, um entendimento do que faço e sinto, uma resposta às
atitudes e ao que sou. Um ser humano.

Quero desaparecer, mas estou feliz, com medo de acabar fora da luz.

Inveja-me a segurança, a força de vontade que não tens, que tens em mim. Inveja-
me o rejúbilo daquilo que não tens.

Dor a cada exigência, a cada paixão pela exigência. Exijo-te mais de mim, de ti.

Saboreia o calor e o vento, sente com as mãos o odor.

Vê-me com a tua boca. Canta o que vês e esconde-te, és invisível agora. Porque é
impossível reconhecer assim.

Hifas eretas querem-me consumir-te.

Agora sinto-te um pouco fora de mim. Assusta-me com a tua presença ausente.
Sou, penso-te outra pessoa outro ser que não eu.

Disputa-me com o meu interior. A cegueira pode trapacear, o cérebro está vazio.

Gostava de escrever que gosto de te ver feliz e a sorrir, porque gosto, mas agora não consigo!

Mas se pensar muito nisso até sou capaz de sorrir! E sorrio ainda mais agora.

A razão diz-me que não há o que temer e fico a gostar ainda mais de ti, de mim.



Figura 11: *Suicídio?*, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 6: Suicídio?

Todas as noites eu voo, todas as noites eu me atiro, todas as noites vagueio, todas as noites umas atrás das outras vejo o meu corpo nu a flutuar em direção ao pântano, atiro-me e sinto o descanso. Desintegro-me. Acordo.

Alívio, limpa, despida de algo... decerto não de mim ou de ti. Do passado...

Esquecer...

Esquecimento. Algo que me persegue ou darei lugar a outras razões? Que razões? Eu?

Procuro-me o ser, uma construção como ser humano. Sempre com um prazer de destruição. Mas com medo de perder o que era, o que é.

O vazio parece-me tão limpo.

Esquece que existo. Que esta existe, esta pessoa em mim!

Os sonhos da noite passada foram confusos. Ainda não me descobri diante mim.

Vejo-me muitas vezes morta no chão.

Sinto que me perco ou que algo morre quando passo por esta angústia, mas agora que escrevo vejo que me estou a encontrar. Estou a escrever quase às escuras, deitada. A pensar em ti, em nós e na outra.

Funcionará isto como prece?

O que foge de nós? Quero que me persigas e sigas e sigas.

Isto é como um sonho, vejo-me a mim mesma, ou será que não? Eu fujo de mim.

É um sonho, nele participam medos, premonições, desejos e memórias.

Solta-se um cântico silencioso. Tudo acalma.

O meu corpo nu a luzir, límpido. Uma memória que fica. A pele pálida, quase transparente sobrevoa o musgo verdejante.

Olha-me...

Insaciável, regenera. O tempo retorna ao que era. Fazes-me girar.

Em torno de mim, em busca de ti. Pertences-me... Encaro a tua essência sei que
queres entrar pelos meus olhos e repartir o meu coração. Somos um ser que se dilui em
vários

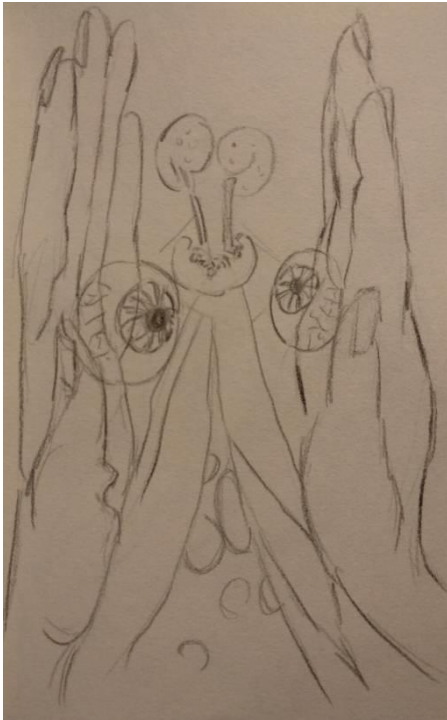


Figura 12: *Culpa*, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 7: Culpa

Quando tudo se torna claro no escuro.

Lembrei-me de ti, contigo presente, estás sempre aqui.

Arrogante...

Só alguns o veem e sabem quando ele prevalece.

A cegueira...

Mesmo assim tens medo de mim em ti.

És, sou o medo de mim.

Egoísta...

A culpa é tua... É sempre assim...

Reclamo... Junta-me a ti.

Silêncio! Segura-me!

Fico instável e paro. Não sei o caminho, procuro uma saída, paraliso mais uma vez, sem retorno.

Estarei no lugar certo?

Agarra-te firme! Nem notas que te obrigo a ficar, mesmo sem a ti te querer.

Afinal estou só. Momentos em que nada de bom consigo dizer. Mostrar apenas o vazio da voz e das palavras, é o que quero, ou será o que sinto.

Pôr a culpa em alguém... Em ti. Só tu me culpas.

Confunde-se o sentimento com a razão, a decisão...

Agirei por hábito? Pelo que sou? Pela circunstância?

Abandono-te do meu pensamento. Esqueço-te.

Sou demasiado hermética para ti. Demito-te. Despeço-me de ti.

Não compreendo a tua alegria, não mereces a minha tristeza.

Seres inconstante... (interrompe)

Segue. Quero-te fora de mim.

Mas eu serei sempre o teu oposto para te acrescentar.

Somos um ser que precisa de ti. Da tua tristeza eu me alimento, és um ser que vive e me ensina.

É o que queria ouvir, mas talvez não a verdade. Mas como Tristeza sei que seria o que te diria. Unos só mais uma vez. Agora a pensar os dois na finalidade, no que juntos

construímos e aprendemos, alimentamo-nos agora do desabafo que nos ensina, que partilhamos, que...

A divagar... Silêncio...

Talvez eu esperasse algo que não existe em mim.

A culpa, outra vez. Ou será só súplica a mim mesma.



Figura 13: Aceitação, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 8: Aceitação

Qual de mim? Qual escolheria?

Tu estás diferente.

Nunca serás o mesmo ser, cresces.

Tens a mesma forma, mas nunca serás o mesmo.

Acostumo-me a ti. Estás

diferente. Mudei tanto. Não, só o és de forma inigualável.

Não somos como os outros. Caí...

Sou do mundo. Sem progenitores.

És o que queres ser.

Integrei-me nesse corpo pálido, mas nem sempre és tu. Eles vão e vêm.

Este corpo não me... pertence-te. Aceito-te em mim, aceito o corpo.

Descobrimo-nos o propósito, caminemos... de início.

Somos o mesmo. Amo-a, amo-te a mim.

Mudamo-nos, o que conheces.

Conheço a ela, sabes que és, estás preparado para saberes quem sou.

Buscamo-nos o perfeito em mim de ti

Sinto falta de mim mesma.

Com tristeza e felicidade.

Conheço-me.

És o melhor ser que me aconteceu. Sinto a tua falta.



Figura: 14: *Parasita*, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 9: Parasita

Eu sou... aquele que come na mesa de outrem? Alimento-me da minha cama...

Azuis e grisalhos.

Desassossega-me.

Sempre estiveste em mim, mas só agora te encaro.

Loiros lambuzados entranham-se, costuram as brechas, invaginam-se as formas. Reluzes, contrastas. Aceito-te.

Acaba-se a preocupação, completas a pintura, enlaças as aparências. Precisa de ti.

Invades-me o leito, tornas-te parte de mim com a luz do teu negro tecido.

És. Sou. Um mundo, um organismo em que podes habitar.

Não sou mais uma só cor. Permiti a entrada da luminosa manta, desta e da outra, ... de luz que me revela.

Chama-me! Estou no vazio... Fundo negro me liberte em movimento. Quero-te em mim. Suga-me o azul e o castanho, juntos são um abastado preto, explode-me com as cores que escurecem no negro que foge da luz.

Ele apareceu

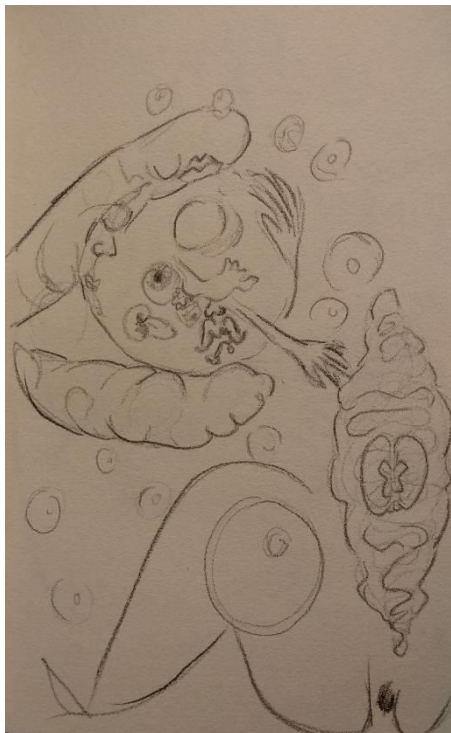


Figura 15: *Disfunção*, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 10: Disfunção

Quer sair, desligar, acordada no meu mundo
agarrada ainda a ti, insatisfeita, mas não consigo
fugir, preciso disto.

Talvez não queira ir, presa a uma infância
que não quero recordar por não a ter de volta.

Talvez seja eu que não queira crescer, ser
sozinha, as atitudes e vontades de volta, brincar,
esquecer, não preocupar, estar na bolha, protegida
mas consciente do redor.

Quero voltar para o ovo, separar-me de mim
voltar a ser dois, tão simples que só juntos sabem,

só juntos, existe razão, cheio de consciência,
responsabilidade e queres e falta de ingenuidade,

tanta, esmiuçar o ridículo, o insano e absurdo, sem qualquer restrição, querer voltar, eu
quero.

Num ciclo se forma este ser indesejado, do querer e não querer, sendo dois ou
mais pela linha que segue, sendo e deixando de ser.

Entre um profundo viver, intenso, num vazio que me encontro, vejo a memória
quase sumida e o futuro que desejo sem saber o que quero. No vazio estou. Pressão,
calor na cabeça enfiada numa concha, sem ar, não deixa sair de mim, pesa. (A cara
desce), sempre assim, não volta a rejuvenescer, não renasce.

A vontade volta, soltas-te, desabrocha, forte, crente mas logo se some após a
euforia de querer ser novamente, seco desidratado, estático, esmorece.

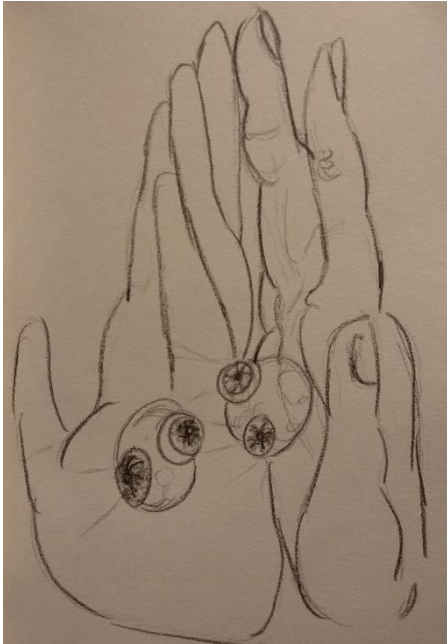


Figura 16: *Culpa Outra Vez*, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 11: Culpa Outra Vez

A culpa torna-se cada vez mais presente, os temas de conversa são sobre em quem enfiar as culpas. Não existe diálogo que não leve a tal desenlace.

Um sossego que tanto se deseja próspero, uma paz, um recomeço quebrado pela culpa. A intolerância da repetição de atos indesejáveis levam à desconcentração. A queixa de impulso reverte-se e transforma o outro em vítima.



Figura 17: *Voltar a Si*, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 12: Voltar A Si

De mim para mim...

Volto-me para mim

Renasces, um surgimento inesperado, uma metamorfose.

De metáforas me consumo para em mim encontrar o que já sabia que era.

Não mudei, alterando-me,

Transformei... Humanos... Ereto...

Um renascer do fundo do fundo.

Desabrocha

Um ser que atrai e quer ser reconhecido,
lembrado nasce, rompe

O cheiro da tinta mistura-se com o meu corpo. Fluidos escorrem, enlaçam-se, confundem-se. Entranhas-te e embebedas-me o fígado. Contaminas-me porque te quero.

Saio do negro. São um só. Estás comigo remanesendo.



Figura 18: *Ouviam-te mais a ti*, Grafite sobre papel, 14cmx21,5cm

Dia 13: Ouviam-te Mais a Ti!

Algum dia tinha de acontecer, ver que afinal não ias fazer parte de mim para sempre, não da mesma forma. Deveria ter sabido criá-la sem ti, para mim.

Não serei a mesma amanhã, serei diferente do que sou hoje.

Afinal o que é ser-me?

Precisava de ti fora de mim para te ver um diferente. Um estranho, que uma vez senti em mim. E vi no outro.

Sinto que devo dar continuidade ao outro, à obra, mesmo sem ti. Parece que só tu a constituías, poderia dizer isto de qualquer outro em mim. Singulares no momento de conceção, unidos para se fazerem gerar.

Como faço agora?

Sem ti, que impulsionavas o prazer de ejacular sorrisos durante a conceção.

Preciso da tua permissão para entrar em mim.

Mesmo que não estejas da mesma forma amo-te em mim assim, de qualquer forma.

Mesmo como um estranho pertencer-me-ás para sempre.

Ouviam-te mais a ti.

Isto sou só eu a imaginar a minha existência sem a tua essência.

Passar por vários corpos...

Pensando que ainda sou um cogumelo...

Voltando a mim...

Saindo... querendo sair...

Tanto sou um parasita como um sapróbio



Figura 19: *Cogumelo Divino*, óleo sobre tela, 250cmx250cm

Observo-te gigante.

Diante de mim emanas a tua divindade, uma imagem sacra a qual venero.

Expeles esporos que te pertencem para fazeres surgir novos de ti.

Uma conceção que santifica e torna eterna.

Ornamentos de cores vibrantes que não sabia que existiam em mim. Despertas-me um narcisismo que não quero perder.



Figura 20: *Invaginação*, Óleo sobre tela, 250cmx250cm

Nasces, rompes, da vagina e dos testículos, um casulo.
Forço-te, abro-te para que saias de ti, quero ver-te transparente.
Assim descabelado, quero-te em mim. Genes de mim e de ti formam as cores do novo
eu contigo.
Debruça-te, olha para fora e vê-te do exterior o teu interior.

Conclusão

O trabalho pessoal é envolvido por questões psicológicas direcionadas para a questão de identidade, considerando o ambiente que me rodeia uma influência na forma como me expresso.

A meu ver é importante que haja uma envolvimento da obra com o artista, assim este realizá-la-á com um propósito pessoal, com um maior empenho, pois esta remeterá para algo referente à sua história e terá por si algo que lhe será sempre familiar e confortável por fazer parte do seu mundo. Esta valerá por si, pela identidade que lhe é imposta, tendo sempre uma continuidade, seguindo o desenvolvimento intelectual e humano do seu criador, mantendo o ser sempre disposto a revelar-se para si consoante as mudanças que vai apresentando mediante o meio que o rodeia e a descoberta que faz de si.

Nesta dissertação apresentaram-se pensamentos teóricos sobre diversos temas acompanhados de reflexões sobre a obra de arte pessoal. Desta forma alcança-se a união pretendida entre a obra e a dissertação apresentando algo que pertence ao ser, que surge dele e o constrói.

Tentou-se com este estudo compreender a importância das experiências no fazer artístico, fazendo estas parte da constituição do ser. Percebeu-se que as passagens da vida influenciam as decisões que se tomam, que por sua vez influenciarão as experiências futuras. Cada sujeito lida com as vivências à sua maneira representando-as nas suas obras de arte. Assim mostrou-se o início do impulso da criação que se segue pela reflexão do que se é no mundo, questionando a existência do ser e a dos outros e de que forma existe uma construção de um ser a partir da observação do outro sobre mim, levando à questão sobre a forma de olhar a própria realidade. Para aprofundar estes assuntos revelou-se necessário perceber o que é o olhar, entendendo que este não se resume a ver, abrangendo um todo de experiências, culturas, espaço e tempo. Seguindo-se o pensamento sobre a importância de olhar a arte, concebendo-a tendo em conta os determinantes da invisualidade. O impulso da criação completa-se pela necessidade de conhecimento de si mesmo, confrontando-se com o próprio eu, descobrindo o que está para lá do seu consciente, procurando a aceitação do seu interior mais oculto.

Após esta reflexão seguiu-se a análise da criação a partir do ser, onde surgiram os temas relevantes sobre o fazer artístico pessoal, tais como: a androginia e o surrealismo que aparecem do emaranhado de seres que me constituem e anseiam pela sua união de forma a formar um ser único e completo.

Para colmatar o entendimento da obra de arte pessoal apresentou-se o processo utilizado para o reconhecimento do eu através da pintura e da composição de poemas. Esta obra de arte é o fruto do ser, necessitando de uma explicação integral sobre a sua aparência, passando pela exposição psicológica, partilha de decisões, de materiais utilizados e conceitos formados, mostrando-se assim um traço profundo da intimidade do artista.

Ao longo da dissertação apresentaram-se poemas, textos criativos que refletem sobre cada assunto a ser abordado, expondo os pensamentos, a meu ver, da forma mais adequada entrelaçando e mostrando o que se descobre de temas e a sua ligação com a obra plástica. Esta forma de expor os conteúdos também me aproximou mais das leituras efetuadas, tornando-as íntimas, bem como todo o trabalho mais apetecível e produtivo. A exposição de poemas ao longo da dissertação mostrou-se pertinente, pois estes apresentam uma ligação forte com a obra, tratando os temas numa linguagem artística pessoal, recheados de metáforas que caracterizam as pinturas e as levam a caminhos diversificados, estas por sua vez também são influentes nos poemas que se escrevem, dando uma infinidade ao fazer artístico. Desta forma é criada uma ligação íntima do artista com a sua obra, onde cada ferramenta interage com a outra influenciando-a, tornando também o espectador mais próximo das vivências do artista.

Falar sobre o ser é, tal como a sua caracterização, infindável, pois este, inconstante, vai-se alterando, havendo uma descoberta pessoal contínua, o que torna as obras também infinitas.

Bibliografia

- Abumanssur, E. S. (Setembro de 2000). A Arte, a Arquitetura e o Sagrado. *Ciências Sociais e Religião*, 2. São Paulo: Porto Alegre.
- AnOther. (4 de Junho de 2018). *Meet Rrose Sélavy: Marcel Duchamp's Female Alter Ego*. Obtido de AnOther: <http://www.anothermag.com/art-photography/8084/meet-rrrose-selavy-marcel-duchamp-s-female-alter-ego>
- ARTLOGIC. (30 de Maio de 2018). *Glenn Brown*. Obtido de Glenn Brown: <https://glenn-brown.co.uk/biography/>
- Barthes, R. (2009). *O Prazer do Texto precedido de Variações Sobre a Escrita*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Bataille, G. (2012). *As Lágrimas de Eros*. Lisboa: Sistema Solar.
- Bataille, G. (2015). *O Nascimento da Arte*. Lisboa: Sistema Solar.
- BBC. (4 de Junho de 2018). *Claude Cahun: The Trans Artist years Ahead of Her Time*. Obtido de BBC- Culture: <http://www.bbc.com/culture/story/20160629-claude-cahun-the-trans-artist-years-ahead-of-her-time>
- Bittencourt, A. R. (3 de Dezembro de 2010). Uma Análise Psicológica do Duplo em Cecília Meireles. *Revista Historiador*, 3. São Paulo: Porto Alegre.
- Braune, F. (2000). *O Surrealismo e Estética Fotográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Breton, A. (1952). *Entrevistas*. Lisboa: Salamandra.
- Breton, A. (1993). *Manifesto do Surrealismo*. Lisboa: Salamandra.
- Breton, A. (2001). *Manifesto do Surrealismo*. (S. Pachá, Trad.) Rio de Janeiro: Nau.
- Brown, G. (18 de Março de 2009). Interview: Glenn Brown. (L. MacRitchie, Entrevistador)
- Brown, G. (7 de Junho de 2012). A Conversation Between Glenn Brown and Mardee Gof. (M. Gof, Entrevistador)
- Brown, G. (6 de Dezembro de 2017). Interview With Glenn Brown. (E. Cué, Entrevistador)
- Calabrese, O. (2015). *Como se Lê uma Obra de Arte*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Ceia, C. (16 de 9 de 2018). *Epoché*. Obtido de E-Dicionários de Termos Literários: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/epoche/>
- Derrida, J. (2013). *Dar a Morte*. Coimbra: Palimage.

- Descartes. (1982). *As Paixões da Alma*. Lisboa: Sá da Costa.
- Duarte, N. M. (2018). *O Individualista- Solilóquio de um Esteta*. Lisboa: Licorne.
- Einstein, A., & Freud, S. (2007). *Porquê a Guerra?* Mira-Sintra: Europa-America.
- Eliade, M. (1992). *O Sagrado e o Profano*. (R. Fernandes, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Eurípides. (2016). *Medeia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferro, F. I. (Fevereiro de 2015). A Adroginia nos Autorretratos de Claude Cahun: Uma Subversão de Gênero. *Ciclos*, 4. Florianópolis: UDESC.
- Flores, M. B. (Setembro-Dezembro de 2014). Androginia e Surrealismo a Propósito de Frida e Ismael - Velhos Mitos: Eterno Feminino. *Estudos Feministas*, 3. Florianópolis: Copyright.
- França, J. (Novembro de 2009). O Insólito e o Duplo em William Wilson de Edgar Allan Poe. *O insólito e o duplo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Freud, S. (2010). O Inquietante. Em S. Freud, *História de uma Neurose Infantil (O Homem dos Lobos) Além do Prazer e Outros Textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Fulano, M. (10 de Outubro de 2018). *Fungi*. Obtido de Wikipédia A Enciclopédia Livre: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fungi>
- Gallery, G. (30 de Maio de 2018). *Glenn Brown*. Obtido de Gagosian: <http://www.gagosian.com/artists/glenn-brown/artist-media>
- Gardner, H. (1997). *As Artes e o Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Artes Médicas.
- Gonçalves, A. I. (2012). *O Problema do Outro em Sartre*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- Jay, M. (1993). *Downcast Eyes: The Denigration of Vision Twentieth- Century French Thought*. Londres: University of California Press.
- Joelkula. (31 de Outubro de 2018). *Solipsismo*. Obtido de Wikipédia A Enciclopédia Livre: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Solipsismo>
- KolbertBot. (30 de Maio de 2018). *Glenn Brown (artist)*. Obtido de Wikipedia, the free encyclopedia: [https://en.wikipedia.org/wiki/Glenn_Brown_\(artist\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Glenn_Brown_(artist))
- Leontiev, A. (2004). *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro.
- Mariano, B. M. (2017). *Deformis in Tenebris: O Autorretrato Surrealista e a Noção da Realidade*. Lisboa: IADE.
- Martins, P. I. (2008). *A Inclusão pela Arte: Museus e Públicos com Deficiência Visual*. Lisboa: Universidade de Lisboa Faculdade de Belas Artes.

- Martins, P. M. (Julho/Dezembro de 2010). Entre Visível e Invisível, para Além do Entendimento: o Tema da Natureza no Último Merleau-Ponty. *Filos*, 31. Curitiba: Aurora.
- Mattos, M. (Julho de 2005). O Duplo em Frankenstein. *Revista Inventário*, 4. Bahia: UFBA.
- Miguel, A. D. (Novembro de 2006). Muitos Duplos e Aparições (Um Confronto de Leituras do Sobrenatural: Freud e Lovecraft). *Revista Alpha*, 7. Patos de Minas: Copiright.
- Neto, H. D. (Outubro/Novembro de 2011). Manoel de Barros: Uma Poética do Infimo e do Maravilhoso. *Desenredos*, 11. Piauí: Teresina.
- Neves, C. d. (2014). *Hans Bellmer e Unica Zürn*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- NG, C. (25 de Maio de 2018). *Max Ernst*. Obtido de Wikipedia The Free Encyclopedia: https://en.wikipedia.org/wiki/Max_Ernst
- Pereira, J. C. (S.M. de 2010). Reflexos e Espelhamentos - O Mito de Narciso e o Duplo em o Espelho-Esboço de uma Nova Teoria da Alma Humana de Machado de Assis. *Principia*, 21. Rio de Janeiro: UERJ.
- Platão. (2017). *O Banquete*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Platão. (2017). *República*. BookBuilders.
- Prioste, J. C. (4 de Agosto de 2018). *Eu é um Outro (Je est un Autre)*. Obtido de ZCULTURAL: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/eu-e-um-outro-je-est-un-autre/>
- Rank, O. (2014). *O Duplo, um Estudo Psicanalítico*. Belo Horizonte: Dublinense.
- Sartre, J.-P. (2003). *Being and Nothingness : An Essay on Phenomenological Ontology*. Londres: Routledge Classics.
- Seganfredo, G. d., & Chatelard, D. S. (Janeiro/Julho de 2014). Das Ding: O Mais Primitivo dos Êxtimos. *Cad. Psicanál.*, 30. Rio de Janeiro: PEPSIC.
- Silva, C. M. (Setembro de 2015). Desenho, Identidade e Alteridade: Quando tudo é uma Questão de Suporte. *Revista de Estúdio: Artistas sobre outras Obras*, 12. Uberlândia: IAUFU.
- Silva, M. O. (Julho de 2009). Da Exclusão à Inclusão. Concepções e Práticas. *Revista Lusófona de Educação*, 13. Lisboa: Ceief.
- TATE. (30 de Maio de 2018). *TateShots: Glenn Brown*. Obtido de TATE: <http://www.tate.org.uk/context-comment/video/tateshots-glenn-brown>
- The Art Story, F. (4 de Junho de 2018). *Claude Cahun*. Obtido de The Art Story Modern Art Insight: <http://www.theartstory.org/artist-cahun-claude.htm>

- The Art Story, F. (3 de Junho de 2018). *Hans Bellmer*. Obtido de The Art Story: Modern Art Insight: www.theartstory.org/artist-bellmer-hans-life-and-legacy.htm
- The Art Story, F. (29 de Maio de 2018). *Max Ernst*. Obtido de The Art Story Modern Art Insight: <http://www.theartstory.org/artist-ernst-max.htm>
- The Solomon R. Guggenheim, F. (29 de Maio de 2018). *Collection Online*. Obtido de Guggenheim: <https://www.guggenheim.org/artwork/artist/max-ernst>
- Vidal, C. (2015). *Invisibilidade da Pintura: Uma História de Giotto a Bruce Nauman*. Lisboa: Fenda.
- Wagner, R. (2003). *A Obra de Arte do Futuro*. Lisboa: Antígona.
- Wikidot. (14 de 8 de 2018). *Ego Transcendental*. Obtido de Sofos Expressões Filosóficas: <http://sofos.wikidot.com/ego-transcendental>
- Zunzunegui, S. (2010). *Pensar la Imagen*. Madrid: Cátedra.